

DESCENDÊNCIAS

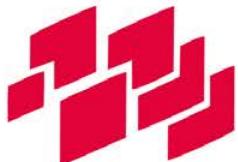
M A G A Z I N E



CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO



Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada



cisterdata
consulting

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.

p/ 06 e 07.

"As minhas férias em Portugal". Por José Governo, Diretor Executivo da AILD
Juntos fazemos mais. Por Philippe Fernandes, Presidente da AILD

p/ 12.

Grande Entrevista
Maria do Rosário Pedreira, editora, escritora, poetisa e letrista portuguesa

p/ 28.

Conselho das Comunidades Portuguesas
E.P.E. para as nossas Comunidades

N E S T A E D I C Ā O

p/ 32.

Artes e Artistas Lusos, Cláudia Varejão
Por Terry Costa, Presidente/Diretor-Artístico, MiratecArts

p/ 38.

Observatório da Emigração
Crescimento e incerteza na emigração portuguesa

p/ 44.

Ambiente - Quem veste a pele do "lobo mau"?
Por Vítor Afonso

Obra de capa

Artista Plástico: João Timane

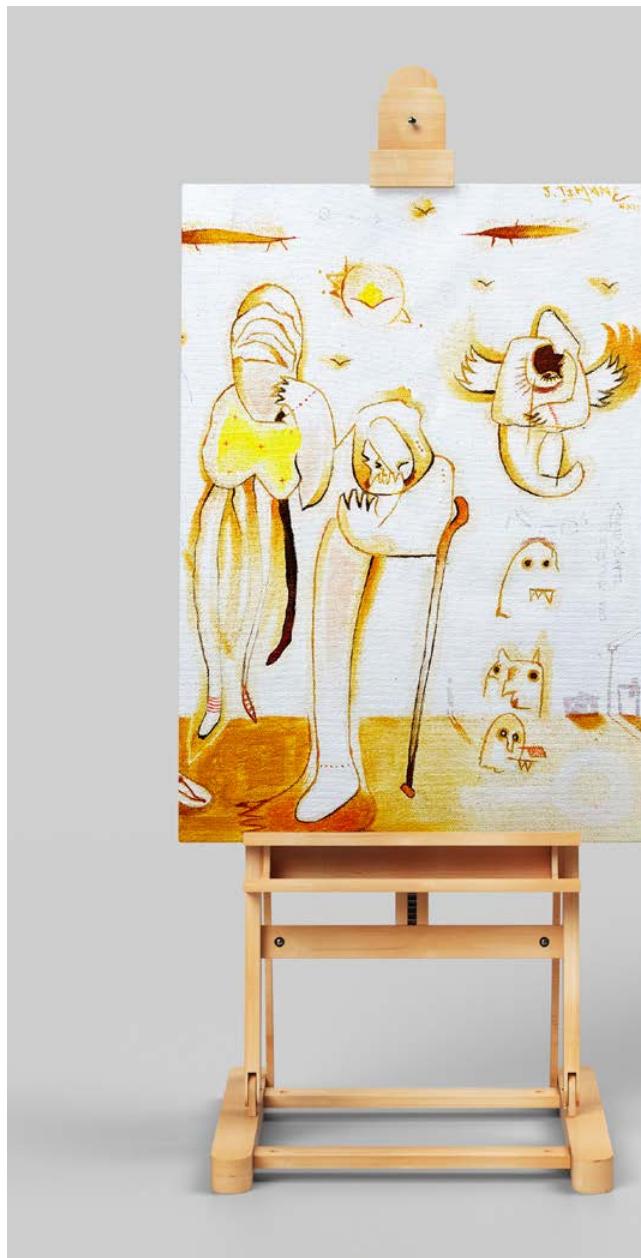
Dimensões: 49 x 33

Técnica: Acrílico sobre tela

O Futuro Melhor

Hoje, o artista coloca diante dos nossos olhos uma obra onde evidencia traços e cores aparentemente indecifráveis, ficando claro que essa obra de arte terá o significado que a nossa leitura quiser lhe atribuir. Podemos considerá-la um simples devaneio artístico, “um voo cego à nada”, como diria o poeta moçambicano Reinaldo Ferreira, ou então podemos dar-lhe outros sentidos e significados. Se quisermos, podemos nos conceder ao desplante de não fazer nenhuma leitura e ficarmos numa condição onde apenas nos interessa o deslumbramento da obra e não o seu significado. Mas, ler uma obra é um dos mais belo exercícios que existe e também o mais subjectivo. Se leio, logo existo, logo penso, logo crio e faço todas as “viagens” a que me permito, isto é, acabo me situando à mesma dimensão do artista. (...)

Marcelo Panguana, escritor
obrasdecapa@obrasdecapa.pt



F T

Directora Fátima Magalhães | **Directora Adjunta** Gilda Pereira |
Editores Ana Sofia Oliveira, António Manuel Monteiro, Cristina Passas, Diana Correia, Fatinha Pinheiro, Flávio Alves Martins, Gabriela Ruivo, João Costa, José Governo, Luciana Zettel, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Nuno da Lima Luz, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Sílvia Faria de Bastos, Sylvie das Dores Bayart, Vitor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: descendencias.pt T: 309 921 350 | **Publicidade** E : publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios

nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e j), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 25, Fevereiro 2023 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

As “Obras de Capa” ganharam este ano uma nova dimensão: juntam agora a pintura e a escrita de autor com dois moçambicanos: João Timane é o artista plástico que nos vai trazer 12 obras para ilustrar as nossas capas e Marcelo Panguana o escritor que nos leva através das palavras a viajar por entre os traços de pincel. O Concurso Literário “As minhas férias em Portugal” foi um sucesso e os organizadores já estão a trabalhar na II edição. Parabéns à organização, aos participantes e parceiros. Uma das principais características do projeto associativo da AILD tem sido o de juntar sinergias através de parcerias com outras instituições e pessoas. Será certamente esse o melhor caminho para todas elas: juntas fazem mais! A Image One é uma empresa que tem que conhecer. Desvendamos tudo numa conversa com o seu CEO Alexandre Maiali. A grande entrevista de fevereiro é com a editora, escritora, poetisa e letrista portuguesa, Maria do Rosário Pedreira – o início da carreira, o seu gosto pela criação de letras para fado o presente e o futuro da literatura portuguesa. A não perder! E por falar em língua, o Conselho das Comunidades Portuguesas vem reclamar uma vez mais pelo Ensino de Português no Estrangeiro e as sucessivas promessas que não são cumpridas. Cláudia Varejão, realizadora, fala da sua paixão pelo cinema e do seu mais recente

filme “Lobo e Cão”. Como tem evoluído a emigração portuguesa? O OEM faz-nos o retrato. Gabriela Ruivo “abre a caça aos Narcisos”, essas mentes geniais. Lúcia Stanislas, fundadora de oito organizações sem fins lucrativos é a mulher empreendedora em destaque este mês. Quem veste a pele do Lobo mau? É a pergunta que nos faz Vítor Afonso, com as novas e ferozes perseguições ao lobo. “Visto a esta luz” de Mário Cesariny inaltece o espaço dedicado aos poetas. Ana Sofia Oliveira alerta para a importância do sono das crianças e como continua a ser mal-tratado pela população em geral. Samuel Fialho leva-nos pela sua lente aos aromas e sons do oceano e ao solstício de inverno na Serra da Estrela. Imperdível! A nossa viagem pela Madeira continua e a descoberta de locais únicos para visitarmos. Madalena Pires de Lima levam-nos para a cidade berço de Jesus Cristo, Belém. E para desemperrar a escrita Marco Neves sugere 5 ideias. Saiba quais. Ricardo Filipe realça a importância dos criptoativos nos pagamentos globais. Já Philippe Fernandes destaca a importância do Programa Simplex. É com muita dedicação que preparamos cada edição da Descendências. Procuramos em cada nova publicação fazer mais e melhor, porque temos os melhores leitores do mundo. Voltamos ao encontro em março. Até lá boas leituras.



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

| AILD

Concurso Literário

“As minhas férias em Portugal”

No passado dia 7 de janeiro, a Casa de Portugal da Cidade Universitária em Paris – acolheu a cerimónia oficial de entrega dos prémios aos vencedores e participantes que receberam uma menção honrosa, dinamizado pela Associação Internacional dos Lusodescendentes (AILD) e a Rádio Arc en Ciel de Orleães.

A anteceder a cerimónia, Nuno Gomes Garcia, Diretor Geral do Conselho Cultural da AILD/França, escritor português a viver em França, e Sara Novais Nogueira, Diretora do Conselho Cultural da AILD/França, educadora e dinamizadora do projeto “Literanto”, ajudaram os jovens participantes a consolidarem métodos de leitura e de escrita graças a uma oficina de criatividade literária em língua portuguesa gratuita e aberta a todos os jovens dos 8 aos 17 anos. Ambos salientaram e estimularam à leitura enquanto base essencial da escrita, dando dicas sobre a importância da leitura e da arte de ler/contar histórias, e sobre a escrita.

As dezenas de participantes – alunos de português, pais

e professores – foram acolhidos por Ana Paixão, Diretora da Casa de Portugal, e por Cristina Passas, a representante da AILD/Portugal que viajou de Portugal até Paris para assistir à cerimónia. Ambas são membros do júri do concurso juntamente com mais cinco elementos, por entre escritores, jornalistas e professores.

As vencedoras desta primeira edição do concurso literário “As minhas férias em Portugal” foram a franco-brasileira Clara Silveira Dunand, 12 anos, com o texto “O espírito do rio”, e Léane de Abreu, 16 anos, autora de “Detalhes, hospital e borboletas”. Ambas receberam como prémio um voucher no valor de 150 euros em livros e os respetivos diplomas.

A sala do evento esteve completamente cheia de jovens, familiares dos participantes e professores, proporcionando-se uma tarde cultural em português, com a marca Portugal, e que permitiu destacar aos nossos jovens e alunos das escolas do EPE a importância da leitura e da escrita. A AILD/Portugal, através da sua re-

presentante no evento Cristina Passas, confirmou uma segunda edição do Concurso Literário “As minhas férias em Portugal” em 2023, e que será oficialmente anunciado próximo do final do ano letivo “para que os alunos possam, durante as férias de verão em Portugal, participar nesta fantástica iniciativa, pois, a AILD e a Rádio Arc en Ciel, parceiros neste projeto literário, têm como grande objetivo ver crescer o número de textos a concurso.

Uma palavra de profundo agradecimento aos colaboradores da AILD/França, Sara Nogueira e Nuno Gomes Garcia, pela dinamização que deram ao evento da entrega dos prémios, mas também, a todo o processo do concurso. Um agradecimento à Casa de Portugal em Paris, através da sua Diretora Ana Paixão, aos professores do EPE, aos jovens participantes e aos vencedores, aos familiares e a todos que marcaram presença. Uma palavra ainda de agradecimento a todos os membros do júri do concurso pela difícil tarefa de seleção dos textos.

AILD tem sempre procurado desenvolver projetos em cooperação com as diversas entidades públicas, empresas e outras associações.

Este objetivo tem permitido estabelecer parcerias várias, muitas delas acabam por se materializar em protocolos de cooperação.

Neste momento estamos a finalizar vários protocolos com diversas instituições, que contamos revelar muito em breve.

Desejamos que outras instituições sigam o nosso exemplo, fomentando a cooperação uns com os outros.

Os portugueses e os lusodescendentes têm associações representativas em muitos países por esse

mundo fora, acreditamos que se aumentar a cooperação entre todos, os nossos associados terão mais e melhores benefícios, assim como a cultura portuguesa será mais bem defendida e cuidada, para além de permitir uma economia de meios, uma melhor utilização dos meios disponíveis e uma maior complementaridade desses meios.

Poderia citar, como exemplos, várias das nossas iniciativas que só ocorreram porque outras instituições se juntaram a essas iniciativas.

Os membros da AILD são elementos fundamentais, não só pela generosidade com que disponibilizam parte do seu tempo a estas iniciativas, como pelo apoio logístico, meios financeiros e materiais e até

| AILD

Juntos fazemos mais

contactos que facilitam. Não posso deixar de mencionar, também, o contributo de pessoas que, apesar de não serem ainda associadas, também colaboram com as nossas iniciativas.

A AILD está a programar uma confraternização, em agosto, com todos os associados, outros benfeiteiros e outras instituições, como forma, de agradecer e partilhar a satisfação de se ter concretizado inúmeras iniciativas ao longo do ano.

Não deixem de acompanhar as nossas notícias difundidas através do nosso site aild.pt, da nossa revista descendencias.pt e nas nossas redes sociais. Uma vez que entramos no nosso terceiro ano de existência fiscal, brevemente, iniciaremos o processo de obtenção da Utilidade Pública, para faci-

litar a atribuição de donativos não só por parte das empresas, mas também para fomentar o aparecimento de Mecenas, que queiram incrementar a realização de mais iniciativas.

Pouco a pouco, estamos a realizar eventos em vários países e em vários continentes, com a preciosa ajuda e adesão de vários lusodescendentes à AILD, que se identificando com os seus objetivos, acabam por tornar possível a criação de delegações nos seus países.

Contamos com a ajuda de todos, para fomentar o relacionamento entre os lusodescendentes em cada país, e com outros que estão por esse mundo fora, para que todos mantenham o vínculo com Portugal.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD



| E M P R E S A A S S O C I A D A

Image One

Poderíamos começar a nossa conversa por conhecer um pouco melhor a história/percurso da Image One e quais os valores que têm norteado a sua atividade?

A Image One é uma empresa de tecnologia com sede no Brasil, focada no desenvolvimento de novas aplicações para tecnologias recentes e inovadoras, produzindo resultados tangíveis para diversos segmentos. Selecionando, entendendo e traduzindo as funcionalidades de inovações para o cliente final, com muito rigor na validação e gestão das informações, temos conseguido grandes realizações, tanto para nós como para nossos clientes.

Atualmente, quais são os principais serviços/produtos disponibilizados pela Image One e a quem se destinam?

A Image One possui 5 frentes de atuação:

1. Gerenciamento Eletrônico de Documentos: o volume de

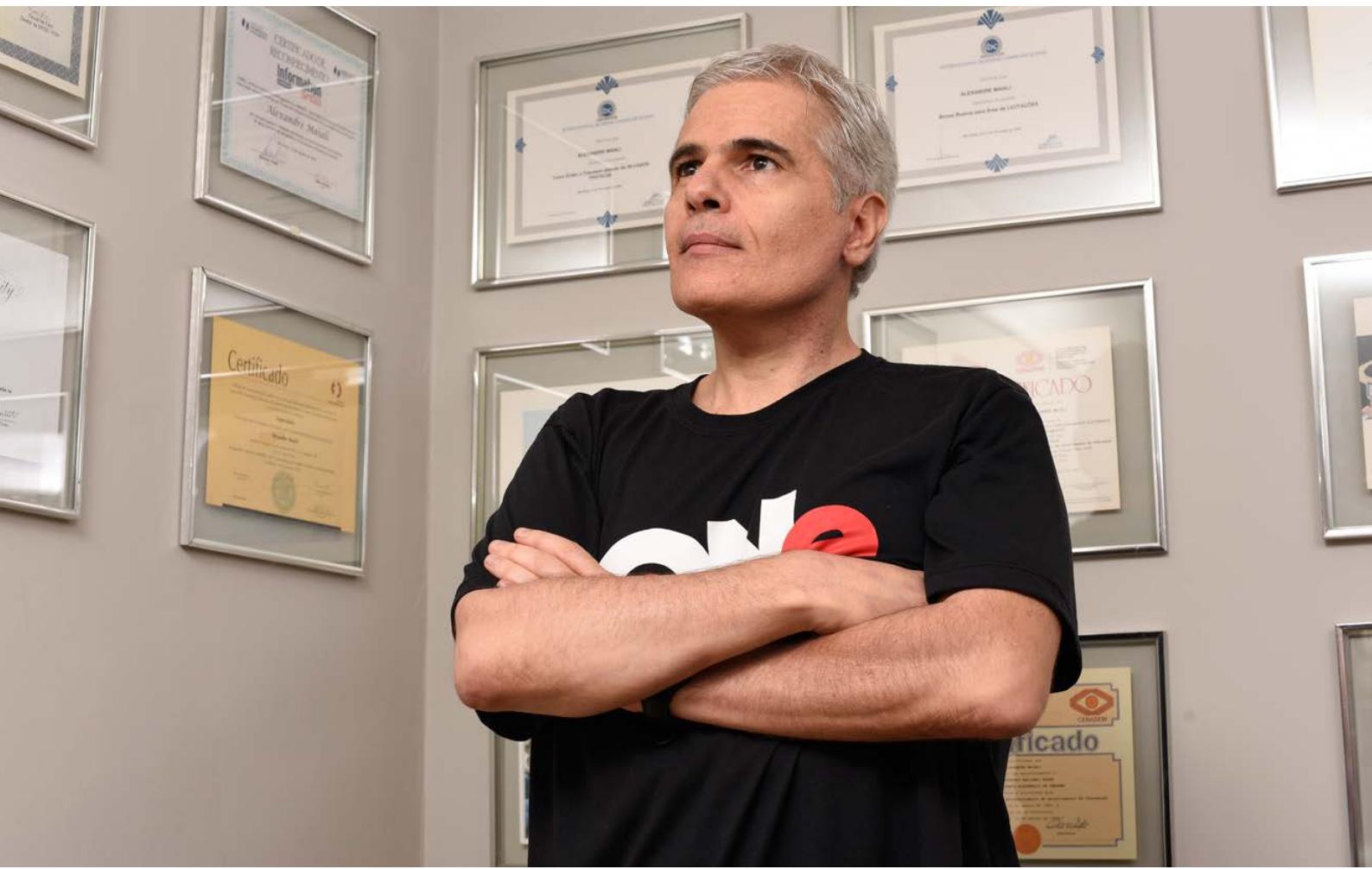
informações e de documentos que as empresas produzem, utilizam e armazenam está cada vez maior e os acessos necessitam ser mais rápidos e objetivos.

2. Compliance Documental: por conta da atualização das informações nas grandes empresas, nosso principal perfil de clientes, ter documentos em conformidade para atender a empresas e órgãos controladores é vital.

3. Compilação de KPI: coletamos, analisamos e devolvemos aos nossos clientes relevantes indicadores de performance para que sejam tomadas medidas estratégicas para alcançar as metas estabelecidas.

4. Proteção contra Processos Judiciais: evitamos grandes perdas de dinheiro com processos judiciais, principalmente os trabalhistas, por sempre manter em ordem os registros das operações, seja por atualização, renovação, assinaturas ou outro procedimento juridicamente exigido.

5. P&D – Pesquisa e Desenvolvimento: pesquisamos continuamente as principais tecnologias que serão tendências



Alexandre Maiali

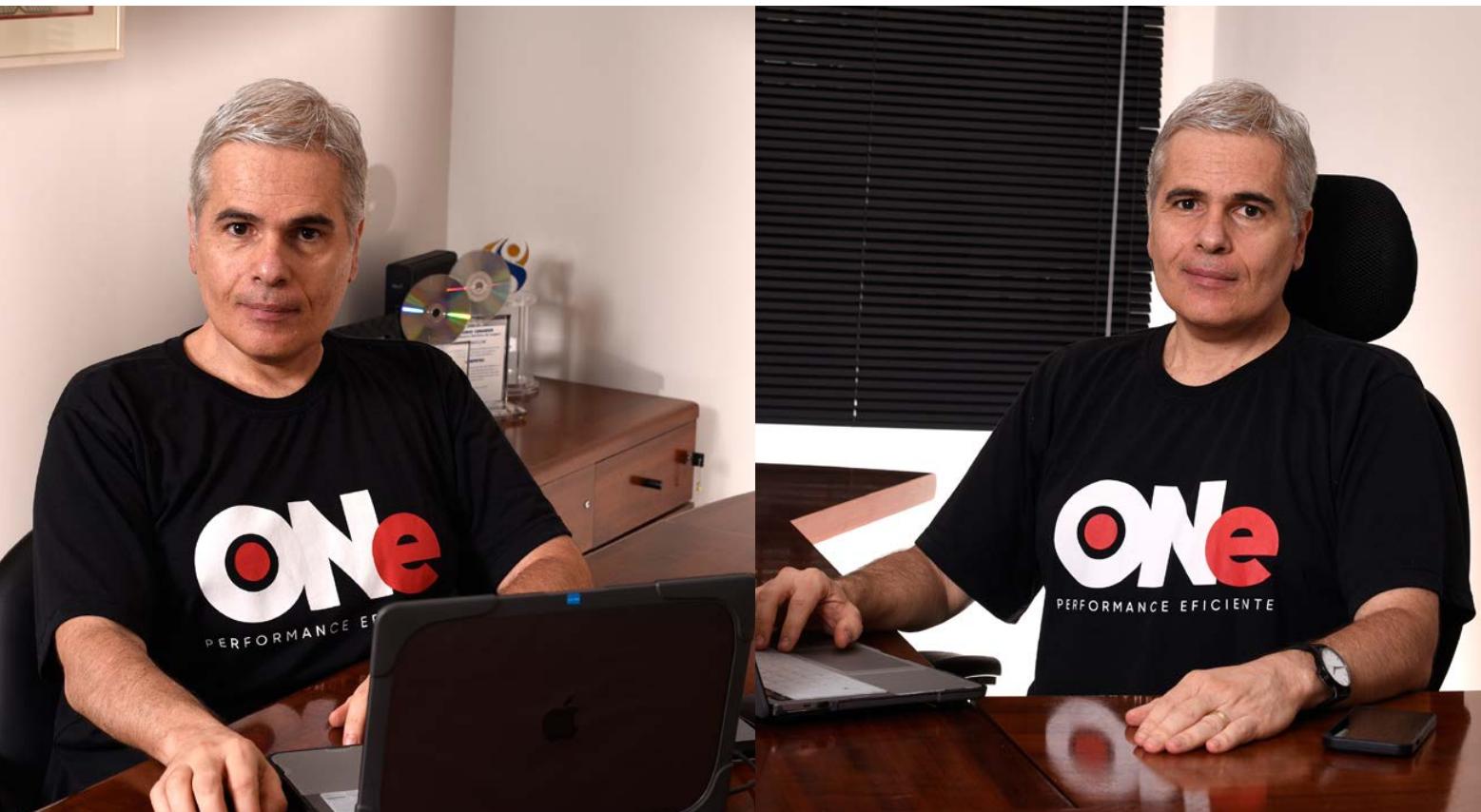
futuras e, antecipadamente, as aplicamos às necessidades de nossos clientes, tanto para aprimorar os processos atuais como para áreas ainda não exploradas.

Na sua opinião, o que tem diferenciado a Image One da concorrência e, sobretudo, perante o cliente?

Somos obcecados pelo tripé conformidade – acuracidade – inovação. Não oferecemos um produto ou serviço novo sem estes 3 pilares. Sabemos que os processos precisam ser mais informatizados, rápidos e com informações acessíveis em tempo real, mas também há que ser com dados fidedignos e obedecendo os preceitos de normas e leis. Nossa busca incessante é por ter controles e auditorias cada vez mais automáticas, se possível gerando validações desde o início da geração dos dados, para que as auditorias façam parte de cada etapa dos processos e não somente ao final destes.

Como avalia atualmente o mercado em que a Image One opera? Quais os principais desafios que se impõem?

Como nossos clientes são grandes empresas, alguns até multinacionais, em vários segmentos, pensamos que o nosso mercado é o trato da informação. Com os dados cada vez mais gerados pelo usuário final, etapas de verificação e validação são cada vez mais eliminadas e entendemos que estas atividades são muito críticas para não existir. Quanto mais as informações são geradas e acessadas no meio digital, maior a necessidade de coloca-las nos padrões normativos e jurídicos, oferecendo segurança para todos os envolvidos. No quesito de geração dos dados, com as tecnologias sendo usadas cada vez mais em dispositivos pessoais e também com softwares de edição de textos e imagens, as pessoas comuns são capazes de “adaptar” os dados conforme sua conveniência, infelizmente à margem da realidade. Validar os dados enviados, num volume crescente, tem sido hoje e será cada vez mais, um desafio gigantesco.



Alexandre Maiali

De que forma a Image One tem procurado responder eficazmente a esses desafios e assim contribuir para alavancar este setor?

Sempre investindo em P&D. Esta é uma unidade de negócios da Image One que tem um orçamento considerável, uma vez que mais da metade dos recursos geram resultados inadequados ou abaixo das expectativas. Porém os resultados positivos nos servem a 2 propósitos: oferecer aos nossos clientes ferramentas tecnológicas para aprimorar suas rotinas de gestão e criar novas formas de se fazer os procedimentos atuais de maneira mais segura, fidedigna e fácil para todos os envolvidos. Com o advento da COVID 19, muitos processos físicos passaram a ser digitais e boa parte da população ingressou no mundo digital, mas alguns, infelizmente, adotaram hábitos indesejados. Quanto mais participantes houver nos processos cibernéticos, maior a necessidade de checar o que é inserido nos arquivos digitais.

Atualmente, quais os principais mercados onde a Image One atua e em que outros deseja marcar presença no futuro?

Atuamos só no mercado nacional, lembrando que o Brasil tem dimensões continentais e 208 milhões de pessoas. Como o foco de nossos serviços é a informação e sua conformidade jurídica, escolhemos as áreas de Recursos Humanos das empresas porque o Brasil “é responsável por 98% dos processos trabalhistas no mundo”, conforme dito por um ministro da Suprema Corte*. Mas como há necessidade dos nossos serviços e produtos em outras áreas de nossos clientes, este avanço se torna um passo natural num futuro imediato.

* bit.ly/jusbrasilartigo

A internacionalização é importante para o futuro da Image One?

Sendo a informação mais global que nunca e os mercados e procedimentos serão cada vez mais eletrônicos, entendemos que a Image One já tem produtos e serviços para uso imediato em qualquer país do planeta, uma vez que os problemas e desafios já citados ocorrem não só no Brasil, mas no mundo todo. E como os resultados úteis de nossa área de P&D atendem às necessidades de vários clientes cujas matrizes estão fora do Brasil, com suas normativas



Alexandre Maiali

europeias inseridas no compliance aplicado no Brasil, a internacionalização será tranquila e sólida.

Quais as metas que a Image One ainda pretende alcançar?

Sempre trabalhando para aumentar nossa carteira de clientes, queremos expandir nossas ofertas para outros departamentos de nossos clientes atuais. Esta meta é no âmbito nacional. Como tratamos anteriormente, temos como objetivo estar presente no mercado europeu e, para isto, firmamos uma parceria estratégica baseada em princípios, valores e competências com a empresa portuguesa Invest 351 e queremos, inicialmente, explorar novas tecnologias no ramo imobiliário português.

O que podemos continuar a esperar da Image One num futuro próximo?

Rapidamente queremos oferecer nossas soluções para outros países europeus e estamos certos de que a parceria com a Invest 351 será a melhor chave para nos abrir as portas não só de Portugal, mas de boa parte da Europa.

A AILD está a criar uma rede internacional de pessoas que se vão poder interligar e colaborar entre si. Como vê este projeto e quais as vossas expectativas?

Vejo como um forte canal de relacionamento que tem, como “célula tronco”, os genes de nossos antepassados e que tais células podem se transformar e ampliar em vários objetivos maiores que o previsto. Toda força à frente. #vamos_para_cima!



G R A N D E
E N T R E V I S T A
ESCRITORA E EDITORA
MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA



Maria do Rosário Pedreira nasceu em Lisboa em 1959. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Depois de uma breve passagem pelo ensino, que a influenciou a escrever para jovens, ingressou na carreira editorial, sendo hoje editora de literatura portuguesa. Embora tenha publicado um romance e contos dispersos, é sobretudo conhecida como poeta. A Descendências esteve à conversa com a editora, escritora, poetisa e letrista portuguesa.



© Tiago Araújo

Maria do Rosário, vamos dar um saltinho à sua infância. Como nasceu este seu amor pelos livros, que se tornou em dupla carreira, de escritora e de editora. Quando era criança andava sempre agarrada aos livros?

O meu amor pelos livros nasceu por várias razões. A primeira das quais porque sou filha de um homem e de uma mulher que não sabiam cantar, mas que nos liam imensas lengalengas e historiazinhas. Acho que essa cadência da narração de histórias ficou para sempre no meu ouvido. Para além disso, nasci numa família de leitores. Sempre

vivi com gente leitora, nomeadamente a minha avó paterna que vivia connosco e que tinha feito o liceu, o que na altura não era muito usual. Por outro lado, andei numa escola cujo patrono era um poeta e onde, para além das aulas normais, éramos desde muito pequenos ensinados a ler poesia e a recitar. Inclusive, tínhamos festas no final do ano para dizer poemas, em geral do próprio João de Deus. Portanto, houve desde muito cedo esse enraizamento da cadência do texto poético. A somar a tudo isso, eu era a mais nova de uma família grande, ou seja, raramente tinha tempo de antena. Acho que recorri um pouco à escrita como forma de “luta”





pelo silêncio que me era imposto pelos outros, todos mais velhos do que eu. Lembro-me que comecei a escrever e a oferecer pequeninos poemas, quadras, às pessoas na altura dos seus aniversários, por exemplo.

Penso que essas são as principais razões para ter começado a ler e escrever muito cedo. Mas não era, de modo nenhum, uma “marrona”, pelo contrário. Não era uma aluna muito boa, porque estava sempre distraída com outras coisas e porque brincava muito. Apesar de gostar muito de ler e escrever, não era uma agarrada aos livros.

Depois esse amor aos livros transformou-se em formação académica com um curso de Línguas e Literaturas Modernas. A escolha desse curso foi inevitável ou poderia ter estudado outra coisa qualquer? Quais são as suas outras paixões além da literatura?

Naturalmente, pessoas que têm várias competências podem escolher muita coisa. Costumo brincar e dizer que, efetivamente, eu só sei fazer duas coisas, que hoje a grande maioria das pessoas também sabe fazer, que são ler e escrever.

Desde muito cedo fui um zero a matemática, nunca desenhei duas paralelas que não se encontrassem num lugar qualquer. Sou, ainda hoje, uma nódoa na cozinha e só consegui tirar a carta de condução depois dos 40 anos, porque chumbei imensas vezes. Na verdade, acho que fui para esse curso porque não poderia ir para mais nenhum. Era a minha única hipótese em termos de competências, mas gostei muito.

Depois da conclusão do curso, a saída natural era o ensino e eu ainda tive uma passagem de cinco anos pelo ensino. A verdade é que foi um amigo do

meu pai que me fez ir parar aos livros. Na altura, eu já estava no ensino há quatro anos e esse amigo do meu pai conhecia muito bem um editor, que editava na altura, sobretudo, divulgação científica. Quando esse editor lhe perguntou se ele conhecia alguém que o pudesse ajudar na editora a ler, a fazer contracapas, a rever traduções, ele lembrou-se imediatamente de mim. Ainda estive na editora em part-time durante cerca de dois anos, mas enquanto o editor foi viver para Macau e pediu-me para o substituir. Aí deixei o ensino e passei a ficar na editora a tempo inteiro. Acho que foi uma bênção, porque era o emprego ideal para mim. Para uma pessoa que gosta de ler e escrever e que não sabe fazer mais nada.

Pouco depois surgiu a escrita com a publicação do “Clube das Chaves”, uma longa e marcante coleção infantojuvenil que nos conta a história de Pedro, um adolescente de 13 anos. Houve até uma adaptação televisiva. Agrada-lhe a ideia de saber que há uma ou duas gerações, hoje adultas, que guardam com carinho esses momentos de leitura do “Clube das Chaves”?

Comecei a escrever essa coleção com a Maria Teresa Maia Gonzalez, ainda na altura em que ambas estávamos no ensino. Tínhamos alunos birrepetentes e trirrepetentes e os manuais da altura ofereciam textos que eram muito infantis para aquela faixa etária. Portanto, começámos a escrever contos e histórias que pudessem trazer esses jovens, um bocadinho mais velhos, para a leitura.

Na altura, apareceu um anúncio de uma editora num jornal, penso que no Jornal de Letras, sobre um concurso literário de romance juvenil, que fosse passível de ser continuado. Falei com a Maria



© Tiago Araújo

Teresa e achei que ela devia concorrer, porque ela gostava muito de escrever livros juvenis. No entanto, ela disse-me que, como só tinha dois meses e meio para entregar o livro, não conseguia sozinha e que eu tinha de a ajudar. Foi assim que fui parar à literatura infantojuvenil.

Os livros tiveram um sucesso extraordinário, venderam mais de um milhão de exemplares, e nós fomos sempre sendo solicitadas para continuar a coleção até ao momento em que percebemos que a geração que tinha lido o número um já estava demasiado crescida para saber o fim da história. Então, resolvemos por um ponto final à coleção e seguimos, cada uma, o nosso caminho.

Um dos objetivos da AILD é promover a leitura em português junto das crianças lusodescendentes que, muitas vezes, têm como língua materna o francês, o inglês ou o alemão. Dinamizamos, por exemplo, um Concurso Literário, que foi um sucesso, também no sentido de fazer com que os jovens lusodescendentes descubram o prazer da leitura e da escrita. Os pais dessas crianças queixam-se, por vezes, que

o Estado português não faz tudo o que está ao seu alcance para trazer estes milhares de crianças para a aprendizagem da cultura e da língua portuguesas. Se fosse Ministra da Educação ou dos Negócios Estrangeiros o que faria de diferente para cativar estes jovens lusodescendentes de modo a que Portugal não os perca?

Há um ditado muito sábio que diz: “Em Roma sé romano”. Acho que temos de aprender a viver onde vivemos, temos de ser como os que vivem onde vivemos.

É muito difícil que uma criança portuguesa, que nasce ou vive desde sempre em França, por exemplo, não seja, imediatamente, aculturada. Imagino que seja praticamente impossível uma criança que vive noutro país e que está o dia inteiro ouvir falar outra língua, ser capaz de manter o Português tão vivo como uma criança que viva em Portugal. Se calhar não podemos ser tão exigentes. No entanto, é evidente que devemos evitar que as origens sejam esquecidas e que morra a língua materna.

No decorrer da minha experiência de escritora juvenil, fui



© Tiago Araújo

uma vez convidada a ir a um festival à Suíça, onde me pediram para ir falar aos alunos portugueses, que lá estavam a viver. Ora, o que aconteceu foi que o dia escolhido para essa conversa era o único dia livre que essas crianças tinham. Resultado, grande parte delas estava lá contrariada. Se queremos cativar estas crianças temos de pensar melhor na forma como o vamos fazer. Penso que, na grande maioria destes países, as aulas de português são dadas nos tempos livres das crianças, o que contribui para que elas possam criar uma espécie de oposição ao Português. Elas acabam por encarar essa aprendizagem como uma obrigação. Acredito que talvez fosse mais interessante numa escola onde há muitos lusodescendentes criar uma turma que, por exemplo, num dia da semana tem mais uma hora de aulas. Mas que não lhes ocupe o único dia de folga que têm, porque assim eles não conseguirão encarar essa aprendizagem de forma prazerosa.

Para além disso, acho que também seria importante o Estado tentar fornecer às escolas mais materiais, como livros infantis, levar pessoas interessantes para falar com os alu-

nos, que lhes falem do seu país e da cultura portuguesa. O Concurso Literário desenvolvido pela AILD é um ótimo exemplo do tipo de iniciativas que podem ser desenvolvidas com o objetivo de estimular a aprendizagem e leitura do Português.

Na sua opinião, num mundo dominado pelas séries em streaming ou os videojogos, a leitura é ainda o veículo cultural essencial para a formação da cidadania? A leitura, por exemplo, é ainda essencial para a construção do sentimento de “empatia” nas crianças?

É essencial e eu explico porquê. A literatura é uma arte completamente diferente de tudo o que hoje é oferecido aos jovens e que é sobretudo o facilitismo. Por exemplo, quando se vê uma série e existe uma personagem loira, ela é igual para todos. Por outro lado, se dermos um texto para ler a uma turma e nesse texto existir uma personagem loira, dentro da cabeça de cada um dos alunos, essa loira vai ser sempre diferente.



© Tiago Araújo

A literatura é importantíssima porque é uma forma de desenvolver as nossas próprias capacidades. O escritor e ensaísta sobre a leitura Alberto Manguel, um estudioso que sabe quase tudo sobre a leitura, disse que aprendeu o que era a compaixão, a tristeza e a empatia com o livro “Coração”, do Edmundo de Amicis. A literatura é muito importante, porque permite identificar-nos com aqueles personagens, mesmo sem saber quem eles são. Por outro lado, a literatura para além de desenvolver empatia e compaixão, ensinar sentimentos e desenvolver capacidades, têm a fantástica capacidade de nos permitir participar na história. Há um vídeo muito bonito de uma escritora que, nos anos

sessenta, fala sobre a questão de a televisão poder roubar gente à leitura. Essa escritora fez um vídeo com uma criança de nove anos e perguntou-lhe se ela gostava de histórias. Ao que a criança responde que sim, que gosta muito de histórias. “Mas gostas mais de histórias na televisão ou num livro”, perguntou-lhe. A criança pensa durante uns instantes e responde que prefere num livro, porque “num livro sinto que faço alguma coisa”.

Infelizmente, hoje vivemos num tempo de preguiça, de não querer fazer. A literatura ainda é o que salva as capacidades humanas de se desenvolverem. Há estudos que dizem que, desde a Segunda Guerra Mundial, o QI vinha sempre a au-



© Tiago Araújo

mentar. No entanto, desde 2000 que está a baixar progressivamente. Isto não quer dizer que hoje as pessoas sejam mais burras, quer sim dizer que não têm certas capacidades tão desenvolvidas.

Em 1993, a Maria do Rosário publicou o romance, “Alguns homens, duas mulheres e eu”, e depois centrou-se na poesia, tendo publicado várias obras premiadas. A poesia é seu meio de expressão artística preferido? O que é que a poesia lhe permite e a prosa não?

Os meus livros são quase sempre terapêuticos. Quer os romances, quer os livros de poesia correspondem sempre a momentos em que preciso tirar de dentro de mim coisas que não me estão a fazer bem. Esse romance correspondeu a uma morte na minha família, a primeira “importante” e pesada. Acho que precisei escrever esse livro para poder falar dessa morte com outras pessoas, que também já não eram capazes de falar.

Um romance é uma coisa muito exigente. Como dizia uma

famosa escritora, num romance os personagens levantam-se connosco de manhã e deitam-se connosco à noite. Eles não nos abandonam um único minuto do dia, enquanto estamos a escrever o romance. O mesmo não acontece com a poesia. Um poema pode-nos ocupar uma semana, mas nunca nos ocupará três anos.

Desde muito cedo que escrevo poesia e, portanto, diria que é a minha forma preferencial de comunicar as coisas que preciso de tirar de dentro de mim. Devo dizer que me sinto muito mais uma criadora a partir do que me é dado, do que uma criadora a partir do zero.

Quando lemos o seu trabalho poético encontramos uma temática predominante: o amor. Acha que, de uma maneira geral, hoje existe mais ou menos facilidade em falar de amor se compararmos com o passado?

Acho que toda a literatura, em todos os tempos, fala basicamente de duas coisas: o amor e a morte. Portanto, não acho que seja preciso mais coragem hoje para falar do amor.



© Tiago Araújo

A Maria do Rosário também escreve letras para canções.
Qual o lugar da música na sua vida?

É um lugar quase inexistente, porque quando escrevo não consigo ouvir música e quando trabalho também não. Gosto muito de ir a concertos, gosto de ouvir música no carro, mas a música não foi uma coisa determinante para eu escrever as letras. O que foi determinante foi, sim, a minha relação com o fado.

O meu pai e a minha mãe eram padrinhos de casamento do Carlos do Carmo e, por isso, desde muito pequenos começámos a ir aos fados. O fado fez desde muito cedo parte da

minha educação, sobretudo, da minha educação musical. Uma vez estava num lançamento do João Tordo e o Carlos do Carmo, que também foi a esse lançamento, disse-me que estava a pensar fazer um disco para mostrar às pessoas que os poetas da atualidade também sabem escrever para fado. Convidou-me para esse disco e essa primeira experiência foi muito bem-sucedida, o que levou a que outras pessoas me procurassem. A partir daí nunca mais parei. Acho que já devo ter 70 ou 80 letras escritas, não só para fadistas, mas também para outros cantores, como o António Zambujo. Escrever letras tornou-se assim uma outra atividade, que me dá muito prazer.



Vamos falar um pouco do seu trabalho como editora. Como editora na Leya, a Maria do Rosário tornou-se uma espécie de “caça talentos” da literatura portuguesa. Existem autores portugueses que iniciaram a carreira tendo-a como primeira editora e, muitos deles, já foram traduzidos e são hoje autores consagrados. Ter encontrado esses “talentos” é fruto da sorte ou do trabalho e da persistência?

É fruto de “procurar a agulha no palheiro”, como se costuma dizer. Nem toda a gente tem paciência para fazer este trabalho. Diria que a primeira condição para se fazer um trabalho de procurar talentos é ler muitas coisas más. Às vezes em 100 livros não há um que preste. Portanto, é preciso, efetivamente, uma grande dose de paciência.

O fantástico deste trabalho é poder encontrar uma coisa que, embora já existam séculos e séculos de livros, nos parece

nova. É fantástico como é que se consegue ao fim de tantos séculos encontrar ainda alguém que combina a linguagem de tal forma que parece uma coisa que nunca tínhamos visto. É isso que procuro. No entanto, desde o início de século, que foi quando comecei a procurar esses autores, tenho verificado que há um declínio enorme. Hoje, quando encontro um desses autores é, como diria a Agustina Bessa-Luís, uma “aberração”, alguém muito diferente das pessoas da sua idade. É cada vez mais difícil encontrar um autor jovem que escreva, de facto, literatura a sério.

Pergunto-lhe se já trabalhou, editou, autores lusodescendentes ou portugueses que vivam no estrangeiro? Se sim, sente que as experiências pessoais desses autores, que vivem por entre várias culturas e línguas, trazem uma perspetiva diferente ou nova à literatura portuguesa?



© Tiago Araújo

Não sei se publiquei de alguém lusodescendente. Publiquei de pessoas dos PALOP's, publiquei de pessoas que vivem noutros países, mas não me lembro de ter publicado de alguém lusodescendente. A minha experiência com pessoas que nascem noutro lado é sempre enriquecedora. Ao contrário dos espanhóis, que têm uma literatura riquíssima, nós temos uma literatura um bocado macambúzia. Acho que falta mundo aos portugueses. Por isso, é sempre enriquecedor e gratificante trabalhar com autores, como por exemplo o Nuno Gomes Garcia, que nos traz um contributo diferente.

Sempre que se fala de meio editorial fala-se de crise. Diz-se que não se vendem livros, que as pessoas não gostam de ler ou que agora a literatura que se vende são obras de menor qualidade. Isto é tudo verdade?

Diria que é tudo verdade e sou, até, bastante derrotista quanto ao futuro dos livros.

Acho que hoje se publicam demasiados livros, mas demasiados livros maus. Deixou de haver um critério. As redes sociais, como dizia o Umberto Eco deram voz a todos os "imbecis" e, portanto, hoje toda a gente acha que pode publicar um livro. "Se fulana tal da televisão, que não é ninguém publica, porque é que eu não posso?"

Por outro lado, hoje em dia publicar um livro é barato. Enquanto para fazer um filme eu preciso de gastar muito dinheiro, para escrever um livro basta ter um computador e uma ideia. Este facilitismo gera situações muito graves, em termos de formação, porque as pessoas que vão acabar por comprar esses livros vão aprender com o que está errado. Isso é uma das razões de hoje haver tanta coisa má publicada e tanta coisa que não se devia ler.



© Tiago Araújo

Que tipo de literatura de ficção é que o público português gosta de ler?

As pessoas não são todas iguais e o público português é muito diversificado. No entanto, diria que gosta de romance histórico, porque gosta de aprender enquanto lê, mas dá preferência aos autores de fora. O que é uma coisa muito portuguesa, esta de achar que os outros são sempre melhores que nós. Por outro lado, há também autores que são uma garantia de sucesso, que fizeram a sua carreira lá fora, e que, portanto, têm sempre leitores, como o António Lobo Antunes, a Lídia Jorge, o Mia Couto, entre outros.

É verdade que as vendas de não-ficção aumentaram nos últimos anos e que as vendas de ficção diminuíram?

É verdade. Eu acredito que seja também porque a não-ficção subiu muito o nível. Ao contrário do que acontecia antes,

começou-se a escrever para o grande público livros de reportagem, de história. Exemplo disso é o sucesso absolutamente extraordinário do livro “A mais breve história da Rússia”, escrito pelo jornalista José Milhazes, que mostra bem a quantidade de gente que quer realmente saber a história e a realidade deste país. Acho lícito as pessoas quererem estar informadas, sobretudo, com livros que falam para o grande público e que podem ser compreendidos pelo leitor comum.

Na AILD gostamos da ideia, e tentamos levá-la a cabo, de criar uma rede que ligue entre si os 15 milhões de portugueses, os 10 milhões que vivem em Portugal e os outros 5 milhões que não vivem nosso território. Por isso, nada nos dá mais prazer do que ver os nossos autores traduzidos e apreciados no estrangeiro. Porém, quando olhamos para o panorama geral, vemos que poucos autores portugueses têm essa possibilidade. O que é que explica as dificuldades de internacionalização dos autores nacionais?

É fácil explicar. Apesar de o Português ser uma das línguas mais faladas no mundo, ninguém a fala nos países onde se publicam livros a sério. É muito difícil encontrar nas editoras de outros países pessoas que falem ou que leiam Português suficientemente bem para que possam apreciar um livro em Português e, posteriormente, publicá-lo. O regime de internacionalização de um autor passa quase sempre por traduzir um excerto significativo que pode ser lido em inglês pela editora que, se considerar que aquilo lhe interessa, irá mandar traduzir o livro todo. Nós não podemos pagar esse valor porquê? Porque em Portugal o número de leitores é residual, são muito poucas as pessoas que compram livros habitualmente. Portanto, temos de ser muito criteriosos com as nossas escolhas e temos de publicar no máximo três mil exemplares. Numa edição deste tipo, tão pequena, os custos não se conseguem diluir. O que acontece é que nós não temos dinheiro para fazer essa amostra, enquanto os outros países têm. Por outro lado, não somos suficientemente exóticos em termos de literatura para que os estrangeiros nos queiram procurar, como acontece no Brasil.

Segundo um inquérito do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa em 2020, 61% dos portugueses não leram um único livro em papel, e, dos 39% que afirmavam ter lido, a maioria leu pouco. As conclusões deste estudo demonstram ainda para a existência de uma relação entre a educação e os hábitos de leitura, já que muitos não têm memória de os pais alguma vez os terem levado a uma livraria ou lhes terem oferecido um livro. Mais do que incutir este hábito nos mais jovens é necessário, primeiramente, estimular a leitura em contexto familiar?

Fazer um leitor é sempre uma lotaria. Um casal de leitores pode ter um filho que não gosta de ler. Não há receitas para fazer leitores, mas há duas coisas que acho que têm de funcionar.

A primeira é a família. As mães e os pais não se podem demitir de contar histórias às crianças desde pequenas. É fundamental. A história é o princípio da literatura. Para além disso, não nos podemos demitir de dar livros às crianças. Por outro lado, os pais têm de deixar de “depositar” as crianças em frente aos ecrãs.

A segunda é a escola. A escola não se pode demitir de dedicar tempo para a leitura. Para além disso, é necessário prover as escolas com livros. Há bibliotecas que não compram livros há 10 anos ou que têm livros sem interesse. Tem de se criar, efetivamente, um momento durante a semana para ir à biblioteca. Temos de procurar despertar este gosto nas crianças.

Falemos do “Horas Extraordinárias”, o blogue que a Maria do Rosário gere há já tantos anos e que mantém atualizado dia após dia. Num mundo em que tanta coisa é descartável e os projetos duradouros escasseiam, o que é que mantém este blogue ainda vivo?

Acho que são os seus leitores. Quando não escrevo, que é quando estou de férias, vêm logo “reclamar” a minha presença. Penso que se criou um grupo de aficionados do blogue que não me permite que desista dele. Embora, às vezes, me apeteça, porque dá muito trabalho escrever cinco posts por semana, desde 2010.





© Tiago Araújo

Há algum tempo, publicou em livro as crónicas escritas entre 2018 e 2020 no Diário de Notícias. O título é inquietante: “Adeus, Futuro”. A Maria do Rosário está pessimista com o andamento deste mundo?

Sim, muito pessimista e acho que a falta de leitura é apenas uma parte do problema. Vejo o mundo a ser, cada vez mais, gerido por pessoas que não percebem nada. Nunca pensaria na minha adolescência que pessoas como o Trump ou como o Bolsonaro chegariam à presidência de países. Antigamente, tínhamos por líderes pessoas como o Felipe González ou o Mário Soares, pessoas que de facto queriam fazer alguma coisa pelas suas nações.

O que sinto hoje é um bocadinho aquilo que vi num filme sobre a Margaret Thatcher, que num momento diz uma coisa que acho absolutamente verdadeira em relação aos

tempos de hoje: “Antes nós queríamos fazer coisas, agora eles querem ser alguém.”

Se olharmos para uma pessoa como o Mário Soares vemos que ele queria fazer coisas, queria enriquecer o país. Se olharmos para outra pessoa, que até é do mesmo partido, como o José Sócrates, vemos o exemplo de uma pessoa que quer ser alguém, que quer brilhar, que quer ser celebrado. Penso que isto é o que atravessa o mundo hoje. Olhamos para os líderes mundiais e temos pessoas como o Trump, um tipo que quer ser presidente porque é giro ser presidente, porque lhe apetece. Um tipo que é contra as minorias, que cria problemas económicos no país, que corta liberdades que já tinham sido conquistadas. Estamos a falar de pessoas perigosíssimas.

Se somarmos a isto as questões climáticas e tudo mais, estamos mesmo perante um “Adeus, Futuro”.



CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

E.P.E. para as nossas Comunidades

No 30 de novembro passado o movimento “Português para todos!” apresentou as suas propostas ao Plenário da Assembleia da República. O conjunto de propostas expostas enquadra-se nos objetivos plasmados no Plano de Ação do CCP, nomeadamente no eixo temático “Língua e cultura para a identidade:

(...) “Deve-se distinguir as políticas de língua, ensino, cultura num contexto de internacionalização da língua portuguesa, a sua grande afirmação enquanto língua global, e as políticas de língua, ensino, cultura e identidade para as comunidades.

Assim, propõe-se definir uma política de língua que promova a preservação e conservação da língua materna dos lusodescendentes e não uma política linguística direcionada para a mudança de língua logo na segunda geração; definir uma nova política de língua onde se inclua o Português Língua Materna (PLM) para as crianças e jovens portugueses não re-

sidentes em Portugal (...”).

Contudo, são de extrema gravidade os argumentos inconsistentes e falsos sobre as realidades do Ensino de Português no Estrangeiro (EPE) nas Comunidades eivados de racismo linguístico, apresentados no Projeto de Resolução do Partido Socialista e destacados na intervenção de um seu deputado em representação do Grupo Parlamentar. Consideramos que o Projeto de Resolução do PS, sem qualquer evidência sustentada em bases científicas, releva inconsistentes argumentos sobre o EPE:

a) “que os argumentos utilizados pelos peticionários e outras iniciativas legislativas de outros grupos parlamentares não colam com a realidade das nossas comunidades” b) “que o EPE está à beira da extinção não corresponde de forma alguma à verdade nem beneficia a imagem da Língua portuguesa” c) “Consideramos errado que se atribua à mudança de

tutela para os Negócios Estrangeiros e ao novo regime jurídico do EPE, de 2006, os supostos problemas do ensino. Não é assim. Houve de facto uma mudança de paradigma, mas num sentido que nos deve orgulhar, porque a Língua portuguesa começou a deixar de ser vista como uma língua de emigração para ocupar o lugar que merece por direito próprio, a quarta mais falada no mundo (...) e presente na rede em 17 países; d) “A mudança de tutela e o novo regime jurídico trouxeram mais ambição e rigor ao EPE (...) e a maior capacidade de resposta às realidades e necessidades no terreno. A adoção do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas elaborado pelo Conselho da Europa, não veio estrangeirar os jovens portugueses nem anular o ensino em Língua materna, mas sim trazer mais qualidade pedagógica e reforçar a importância na certificação dos cursos enquanto instrumento fundamental de valorização dos percursos académicos e profissionais;” e) “O pior mesmo é quase a xenofobia sem sentido que refere que os cursos de são dirigidos a estrangeiros e que os portugueses são discriminados, só porque houve uma redução de número de alunos nos cursos paralelos no período

da *Troika*. Não é apenas falso, como a língua portuguesa não deve ficar presa no gueto da Língua materna, o que seria uma forma de, aí sim, criar dificuldades à formação dos cursos por escassez de alunos e afastá-la da realidade concreta das nossas comunidades, onde os níveis de desempenho linguístico variam enormemente em função do contexto familiar e que os professores sabem muito bem gerir na sala de aula” (...). Face ao exposto, e no que concerne os enunciados falsos e inconsistentes argumentos do Projeto de Resolução do PS ocorre-nos relevar os seguintes: 1) Continua a ser manifesta a incapacidade do PS, e dos Governos por si liderados, em saber distinguir as políticas orientadas para a Estratégia Global para a Internacionalização da Língua portuguesa, das políticas dirigidas às crianças e jovens luso-descendentes no quadro da rede do EPE, em contexto diaspórico. Estamos perante estratégias com objetivos diferenciados, e no qual se têm tomado opções lesivas dos direitos linguísticos, culturais e identitários dos lusodescendentes à luz do articulado constitucional. A estas crianças e jovens foram subtraídos o direito constitucional à preservação da sua língua materna na

sua matriz identitária, e abandonados à total assimilação linguística e cultural nos países onde residem. Com efeito é profundamente triste ver o PS esgrimir as mesmas designações patenteadoras de um racismo linguístico como as de Língua de emigração e, de Língua não presa ao gueto da língua materna. Aqui o PS cola-se aos mesmos objetivos hoje, e quase sempre perseguidos, pelos países de acolhimento ao negarem o direito à aprendizagem formal dos lusodescendentes da sua língua materna nos seus respetivos sistemas educativos. O PS e o Governo não devem na sua ação política confundir assimilação cultural com integração culturalmente diferenciada, e deixar de colaborar com os países de acolhimento como tem feito até ao presente, na assimilação linguística e cultural dos lusodescendentes.

2) O PS declara, de forma categórica, ser o único conhecedor da realidade das comunidades, afirmando ser errado que a mudança de tutela e o novo regime jurídico do EPE não tem constituído as causas dos atuais problemas no ensino. Observa, no entanto, que houve uma mudança de paradigma, na qual tanto a mudança de tutela como o novo regime jurídico trouxeram mais ambição e rigor ao EPE; que a adoção do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL) elaborado pelo Conselho da Europa, não veio estrangeirar os jovens portugueses nem anular o ensino em Língua materna, mas sim trazer mais qualidade pedagógica. Omite-se em que se traduziu a mudança de paradigma. Esta mudança foi de facto operada com a ambição de, através da imposição ideológica dos Governos em obrigar os lusodescendentes a que no processo de ensino aprendizagem terem de aprender a Língua portuguesa como Língua de Herança (PLH) como sinónimo de Língua estrangeira (PLE), seguindo conteúdos programáticos, usando materiais didáticos, sendo avaliados com descritores avaliativos

para o PLE como se fossem estrangeiros com uma competência nula em português. Na realidade, e não como omite o PS, a adoção do (QECRL) veio, na verdade, “estrangeirar” as crianças e jovens portugueses, sobretudo, na modalidade de ensino integrado onde a maioria dos alunos são estrangeiros. Além disso, como oculta o PS, veio significativamente anular a língua materna visto o ensino ser de PLE. Quanto à outra asserção no qual o (QECRL) terá trazido mais qualidade pedagógica, apraz-nos interrogar: com que fundamentação empírica (avaliação sistémica?) é produzida esta afirmação, sabendo-se que no ensino paralelo a organização dos ambientes de aprendizagem são pouco propícios a qualquer êxito nas aprendizagens, com turmas compostas por vários alunos de diferentes faixas etárias e níveis de proficiência linguística. Duvidamos, ao contrário do PS, que os professores tenham as valências competenciais adequadas em PLE para gerir em sala de aula os ambientes de aprendizagem no atual ensino paralelo.

3) “O pior mesmo é quase a xenofobia sem sentido que refere que os cursos de são dirigidos a estrangeiros e que os portugueses são discriminados”. Esta afirmação, como foi referido, insere-se num quadro de posicionamentos de natureza linguicista (racismo linguístico) impróprios de um Partido que se advoga defensor da pluralidade e diversidade linguísticas, ao vir qualificar de xenófobos os petionários e todos os que no CCP defendem a importância da língua materna na matriz identitária dos lusodescendentes. O PS e os Governos do PS têm nas últimas legislaturas propugnado a criação de uma Visão Estratégica Partilhada com as Comunidades portuguesas, não as subalternizando na governação de Portugal. Por isso, esperamos em breve, a este respeito, poder dialogar mais acerca dessa matéria.



Amadeu Batel

Vice-presidente do Conselho Permanente
do Conselho das Comunidades Portuguesas



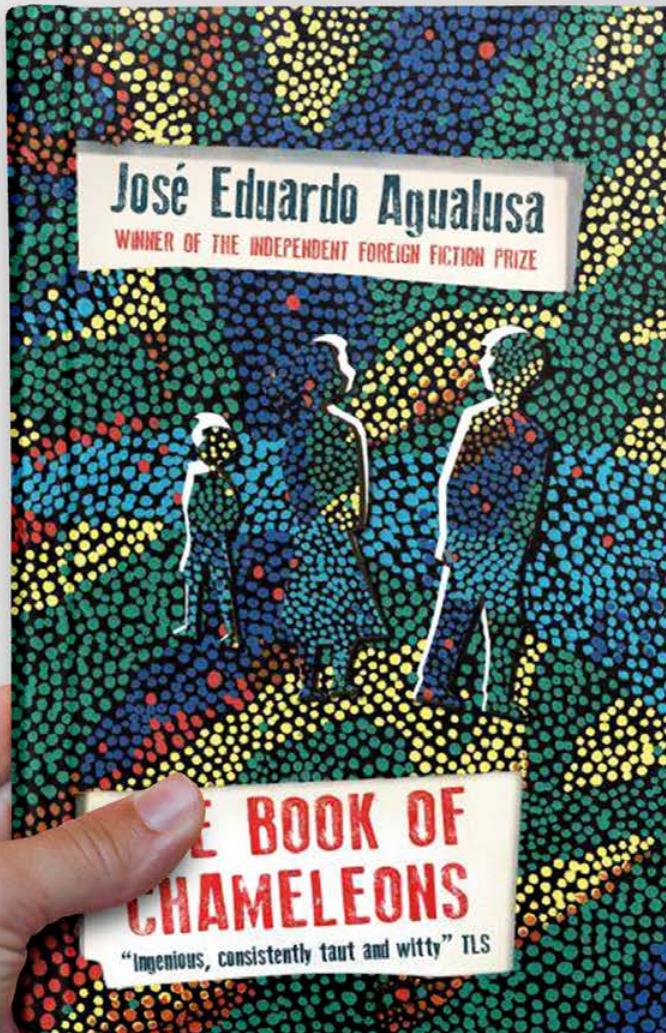
Pedro Rupio

Presidente do Conselho Regional
das Comunidades Portuguesas na Europa

in PORTUGUESE
TRANSLATION

6th SESSION
THE BOOK OF CHAMELEONS
by José Eduardo Agualusa
Translated by Daniel Hahn

Both author and translator will join us for our
second meeting at PinT Book Club.
Tuesday, 14 March 2023
19.00 h (GMT)



A R T E S E A R T I S T A S L U S O S

Cláudia Varejão

[Website oficial](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)



Cláudia Varejão nasceu no Porto em 1980. Apaixonada pelo cinema desde tenra idade, estudou realização no Programa de Criatividade e Criação Artística da Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com a German Film und Fernsehakademie Berlin, e na Academia Internacional de Cinema de São Paulo. Estudou ainda fotografia no AR.CO Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa. Autora da trilogia de curtas-metragens “Fim-de-semana”, “Um dia Frio” e “Luz da Manhã”, Cláudia Varejão apresentou, em 2022, o seu mais recente filme, “Lobo e Cão”, galardoado com o prémio máximo da excelência Giornate Degli Autori. Para além do seu trabalho como realizadora, Cláudia Varejão desenvolve simultaneamente um percurso como fotógrafo.

Como nasceu a paixão pelo cinema?

Não sei se podemos definir uma data, uma altura, mas acho que desde criança sempre gostei muito de máquinas fotográficas, microscópios, caleidoscópios, tudo o que fossem aparelhos que eu pudesse olhar e perceber que lá dentro existia um outro mundo. Um mundo que eu pudesse moldar. Talvez, o gosto pelo cinema venha desta descoberta: de que há imagens que contam histórias e que nós podemos construir essas imagens. Mais tarde, naturalmente, percebi que, a essas imagens, poderia juntar o som e a palavra. Acredito que a pedra de toque tenha sido nesta altura da minha vida, na minha infância.

Porquê realizadora?

O cargo de realizadora descobri depois da descoberta da minha paixão pela Direção de Fotografia. Foi através da imagem, do estudo da

imagem e da luz, que comecei a trabalhar em cinema. Os meus primeiros trabalhos foram no Departamento de Imagem, como Assistente de Imagem. Só mais tarde percebi que o meu gosto era, de facto, trabalhar a imagem e ter uma proximidade muito grande com a luz e com a construção narrativa dentro das imagens, e poder moldar estes elementos todos. Portanto, percebi que o lugar certo, para mim, é o lugar de quem realiza os filmes, que mexe em vários elementos e que trabalha com diversos materiais.

De onde saltam as ideias para os seus filmes?

As ideias para os filmes vêm da vida e das relações humanas. Essa é a minha fonte, sempre.

Como é feita a escolha dos atores?

A escolha vem de processos de casting. Quase sempre trabalho em longos processos de cas-

ting, que me permitem procurar, através de uma amostra maior, as pessoas e depois escolhe-las.

Usa muito o silêncio nos seus filmes. Há sempre uma intenção por detrás desses silêncios?

O silêncio entra nos meus filmes tal como entra na minha vida e, creio que, na vida de todas as pessoas. A vida e o quotidiano não são preenchidos

apenas por palavras. São também preenchidos por silêncios. E dentro dos silêncios há muitos acontecimentos, há o pensamento, habitam as emoções, os olhares, ou seja, as sensações, de uma forma geral. Portanto, os silêncios não são um lugar vazio, pelo contrário. São o lugar de uma multidão, não só de relações mas também de “sentires” e de “pensares”.



© Matilde Viegas



O que lhe dá mais prazer: Escrever, realizar, ou montar o filme?

Tenho prazer do início ao fim. Gosto de todas as fases. E quando digo gostar, significa que me envolvo muito a sonhá-los, a pensá-los, a escrevê-los, a partilhá-los com a equipa. Na pré-produção, na rodagem, na pós-produção sinto prazer.

Qual a importância dos festivais de cinema?

Os festivais de cinema são montras e as montras valem o que valem. São lugares onde podemos aceder a filmes, que muitas vezes não têm uma vida no contexto comercial. Há muito cinema que só circula em festivais. Os festivais de cinema têm, portanto, esse lado de montra e de circuito singular. No entanto, os filmes têm uma vida muito para além dos festivais. Os festivais são apenas uma possibilidade para a sua partilha.

O “Lobo e Cão” a sua primeira longa de ficção.

O que é este filme?

“O Lobo e Cão” é de facto a minha primeira longa-metragem de ficção. É um filme que construí no território da Ilha de São Miguel, com pessoas da ilha, e cujo elenco é todo micaelense. É um filme que se mistura muito com a teia do real, do quotidiano das pessoas, e em que a ficção ocupa um lugar de experimentação, de acrescentar algo à vida das pessoas que se emprestam e que emprestam os seus corpos e as suas histórias ao filme.

“Lobo e Cão” conta a história de Ana, uma jovem micaelense, e do seu melhor amigo, Luís, dois jovens Queer, que sentem que as suas vidas, de alguma forma, fazem parte da periferia do quotidiano da ilha. O filme acompanha esta relação muito próxima e também todas as pessoas que os rodeiam,



© Matilde Viegas

como os amigos, também eles muito diversos, as famílias, e a própria vida local. É um filme que vive, tal como o próprio nome indica, entre dois semelhantes, mas que têm uma grande oposição. É um filme que vive entre dois opostos, entre uma vida muito tradicional e religiosa, e uma de liberdade, de experimentação, diversa e colorida. Diria que, é um filme não só sobre a juventude, mas sim, sobretudo, sobre a condição do ser humano se relacionar e desejar pertencer, sem perder a sua própria identidade.

O filme já deu origem a um novo projeto, a (A) Mar - Açores pela diversidade. Como nasceu esta ideia e quais são os principais objetivos?

A grande maioria do elenco é composta por jovens LGBTQIA+, cujas vidas, na grande maioria, fazem parte da periferia e de uma certa invisibilidade social. Fui sentindo durante o processo de casting que estes jovens precisavam de ajuda, mas não era

ajuda de um filme, de uma ajuda criativa, artística. Precisavam de um lugar com profissionais da área da saúde, do campo social, que pudessem dar respostas imediatas e concretas a estes jovens e às suas famílias. Portanto, a (A) Mar - Açores pela diversidade é um centro de apoio a pessoas LGBTQIA+ e às suas famílias, que está integrado na APF - Associação para o Planeamento da Família, e que presta auxílio à população das nove ilhas.

Projetos para 2023?

Desde logo, continuar a partilhar o filme um pouco pelo mundo todo. Neste momento, estou também na fase de pré-produção de uma curta-metragem, chamada "Cora", sobre mulheres refugiadas em Portugal, que chegaram recentemente vindas da Síria, Irão, Sudão, Ucrânia, Rússia, Afeganistão. Mulheres que trazem consigo pouca coisa física, dada a realidade que as obrigou a sair do seu país, mas que em comum trazem uma fotografia na car-



© Matilde Viegas

teira. O filme conta assim a história destas mulheres, a partir dessa fotografia.

Como vê o cinema português na atualidade?

Parece-me que continua a ser um cinema artesanal, de enorme qualidade e diverso. No entanto, a diversidade de olhares e de vozes ainda é pouca. Parece-me que precisa ir ao encontro também das periferias, do que é ser português. A história de vida, as origens dos portugueses são muito diversas, os sonhos dos portugueses são muito diversos. Acho que ainda existe pouca re-

presentação dessa diversidade no cinema português e no cinema do mundo.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Acho que não tenho uma mensagem. Quando se partilha uma mensagem é assumir que as pessoas estão todas no meu lugar e que vão entender a mensagem da mesma forma. Cada caminho é único, o importante é que possamos arriscar nesse mergulho no escuro que, no fundo, é a criação.



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD

OBSERVANDO

Crescimento e incerteza na emigração portuguesa

Em 2021 a emigração portuguesa iniciou a recuperação da queda abrupta registada em 2020, queda devida ao efeito combinado da pandemia de covid-19 e do Brexit. Pelo menos cerca de 60 mil portugueses emigraram em 2021, mais 15 mil do que no ano anterior. Globalmente, verificou-se uma subida de 33% em relação a 2020, mas a emigração é ainda 25% menor do que em 2019. Ou seja, embora voltando a crescer, a emigração não atingiu ainda os valores pré-pandemia (cerca de 80 mil indivíduos).

Esta tendência global teve correspondência na maioria dos destinos. Porém, em seis casos a recuperação está consumada tendo mesmo sido ultrapassados os números de 2019. Escandinávia e Benelux foram as regiões em que se verificou a ultrapassagem, dando assim sequência a uma progressiva e sistemática aceleração da emigração portuguesa para aqueles destinos ao longo deste século. Nestas regiões, um destaque: o dos Países Baixos, que estão em vias de se juntar à lista dos principais destinos da emigração portuguesa. Em sentido contrário, uma referência também a países como a Austrália e Macau, nos quais se mantiveram os obstáculos à mobilidade ainda durante o ano de 2021. Se a emigração para estes destinos era já reduzida, ficou, com a pandemia, praticamente residual.

A progressiva suspensão dos obstáculos à mobilidade inter-

nacional ao longo do primeiro semestre de 2021 explicará a retoma em alta da emigração. Uma mais rápida recuperação económica em Portugal explicará a menor amplitude dessa retoma e, portanto, o facto de a emigração ter ficado ainda abaixo dos níveis pré-pandemia. O que nos reserva o futuro próximo? É ainda cedo para responder à questão que hoje ocupa muitos dos que estudam as migrações internacionais: terá sido a redução sem precedentes das migrações internacionais em 2020 um acontecimento pontual ou se estaremos perante o fim da era das migrações iniciada após a II Guerra Mundial. Estaremos hoje, com a crise pandémica e as suas sequelas, perante uma pausa longa na mobilidade internacional? As incertezas sobre o futuro da mobilidade internacional no pós-pandemia não só não desapareceram como foram agravadas com a eclosão da guerra na Ucrânia e os seus efeitos sobre as economias europeias, nomeadamente no agravamento da inflação pelas perturbações introduzidas no comércio internacional. Os números disponíveis não permitem ainda ultrapassar o cenário de incerteza e afastar de vez a possibilidade de estarmos no início de um processo de redução da mobilidade migratória. A emigração voltou a crescer, mas o ritmo desse crescimento abrandou. Abrandamento temporário ou prolongado? Saberemos a resposta dentro de um ano.



Rui Pena Pires e Inês Vidigal
Observatório da Emigração, CIES-Iscte,
Instituto Universitário de Lisboa

| TEIMOSIA CRÓNICA

A época dos narcisos

Assim como há grandes e pequenos filhos da puta, também há grandes e pequenos idiotas (ou grandes e pequenos narcisos). Os pequenos não trazem grande mal ao mundo; já os grandes, não podem passar despercebidos. Insatisfeitos com o seu tamanho, esforçam-se constantemente por ser maiores e melhores idiotas. Claro que se acham o máximo, e claro que os outros é que são os idiotas, na sua perspectiva. As suas opiniões deveriam ser emolduradas a ouro. Que digo? Deviam erguer-se monumentos nacionais às suas ideias brilhantes e visionárias. O grande drama do grande narciso é precisamente este: por mais que se esforce, ninguém percebe que APENAS da sua mente genial é que brotam pérolas dignas desse nome e se eleva, qual ave rara e perfeita, a verdade absoluta. Que fazer, então, para que o mundo lhes conceda o pedestal de que se sabem merecedores? Aqui começa a grande luta do grande narciso. Há que enaltecer a prodigiosa obra da natureza que transportam dentro do crânio. E, claro, como grandes idiotas que são, só encontram uma maneira de o fazer: derrotando todos os edifícios ideológicos diferentes do seu. Mas aqui os grandes narcisos cometem um erro crasso (como

não poderia deixar de ser, dada a sua condição de grandes idiotas): em lugar das ideias, eles atacam os portadores das ideias. Não sabem discutir nem argumentar, apenas ofender e humilhar. E neste ataque pessoal tudo vale, o objectivo é apenas um: denegrir o outro. Estratégia que revela bem o quanto pobres de espírito estes grandes narcisos realmente são. Exímios a negar a realidade e a projectar tudo o que em si avaliam como nefasto: atacam, mas as vítimas são eles; ofendem, mas são eles os ofendidos; desprezam, mas dizem-se desprezados. Nunca dão o braço a torcer. Recuar, pedir desculpa? Que humilhação para suas excelências! Eles NUNCA se enganam. NUNCA se excedem, NUNCA exageram. Ou não fossem donos e senhores da VERDADE DIVINA. Têm uma missão na terra, que é a de combater a imbecilidade dominante (a dos outros, como é evidente), responsável, segundo eles, pelos grandes males da humanidade. Desgraçadamente, se o poder lhes chega às mãos, rapidamente se tornam a verdadeira ameaça à segurança universal. Há que ter o cuidado de confinar os narcisos às jarras, onde, apesar de tudo, podem exercer a sua soberania sem percalços de maior.



Gabriela Ruivo
Escritora

| LÍDERES & EMPRESÁRIAS

Lúcia Stanislas

Many Tribes One Blood



Nascida a 30 de julho de 1980 em N'Dalatando, em Angola, na cidade da Rosa-de-Porcelana, Lúcia Fernandes Stanislas é uma mulher generosa, calorosa, positiva, uma incrível geradora de ideias, sempre atuando e realizando várias missões. Aos 14 anos surpreende fundando a sua primeira ONG, SODAR (Solidariedade Assistência Crianças de Rua), a vontade de resolver problemas da sociedade já lhe acompanhava e a partir daí, nunca mais parou. É indubitavelmente uma impactista com um percurso ímpar, uma entusiasta do desenvolvimento socioeconómico do país.

Fundadora de oito organizações sem fins lucrativos,

Presidente do Conselho de Negócio Angola-Índia na Câmara de Comércio e Indústria de Mulheres Indianas, Embaixadora da Paz e Embaixadora do Women's Entrepreneurship Day, empreendedora social com mais de vinte anos de experiência nos Estados Unidos e Angola, mentora do Founder Institute (a maior aceleradora de negócio em fase pre-seed no mundo) e autora de « Princípios para Inovar a sua Empresa », Lúcia tem como principal missão inspirar para transformar, criando um impacto para um mundo melhor. Tenciona construir um legado que envolva pessoas com intenção de evoluírem como seres humanos.



A Lúcia é, desde 2017 Embaixadora do WED (Women's Entrepreneurship Day), Dia Mundial da Mulher Empreendedora que celebra, apoia e promove a mulher empreendedora e deste espírito nasceu o projecto MWIKA, que tem por intuito apoiar mulheres camponesas através de um centro de recursos diversos. Iniciativas que foram mencionadas pela primeira dama de Angola, Ana Dias Lourenço, em 2019. Podia falar mais sobre MWIKA, os outros projetos e sobre Many Tribes One Blood?

MWIKA veio operacionalizar todas as ideias que surgiram do evento WED, MWIKA é um centro de recursos para apoiar mulheres de negócios, o objetivo era montar uma incubadora para mulheres rurais para poder ascender no agronegócio na minha terra natal, hoje MWIKA é um hub de inovação social digital juntando uma comunidade de impactistas que fazem negócios para criar impacto. A intenção é ser um empreendedor social com dois fins, o não lucrativo e gerar impacto social, é uma empresa social que deseja criar pontes entre Angola e o mundo. Fundei UJIMA que significa Responsabilidade e Trabalho Coletivo em Swahili, era uma plataforma constituída por um conjunto de marcas criadas e desenvolvidas sob a minha liderança. Fomentava o trabalho em equipa, a partilha de recursos, competências e habilidades, com a finalidade de impulsionar o crescimento de pequenos negócios. Era um ecossistema que abarcava empresas tais como:

petrolífero, prestação de serviços, segurança, hotelaria, turismo, crescendo de forma sustentável.

DIBAKA que significa viveiro de plantas em kimbundu, é uma incubadora de empresas, foi muito desafiante porque estávamos num espaço precário em Luanda, vim com uma linguagem que não conheciam e acabámos por formar uma estrada de dois caminhos onde eu aprendia com eles e eles também aprendiam comigo. Tivemos a sorte de enviar um jovem empreendedor para Stockholm, a capital da inovação da Suécia, quando voltou, entrou na SIMES para continuar a desenvolver as suas competências com engenheiros que vinham de Portugal e Alemanha.

Acabei de partilhar um modelo de inovação social em que os três setores colaboram: o público, o social e o privado. A incubadora tinha essa característica de atrair todos esses intervenientes.

Many Tribes One Blood, é um projeto que criei para a promoção das Artes e Cultura que foi desenvolvido em Nova York, trabalhava com artistas, passava muito tempo com eles porque gosto de estar com eles, aliás, organizava a carreira deles, era outro negócio, era algo sociocultural que me ajudou muito a crescer.

Sentiu que as mulheres tinham dificuldade em encontrar fundos, apoios financeiros?



Em Angola, basicamente, o problema maior da mulher é o financiamento. MWIKA opera num ecossistema e a partir da capacitação, as mulheres que têm modelo de negócio, elas têm uma maior probabilidade em serem financiadas. Trabalhamos para viabilizar as questões de finanças mas não é fácil porque temos os financiadores tradicionais que são os bancos e os critérios de aprovação não são necessariamente para os negócios inovadores, neste caso há uma dificuldade por essa razão específica.

Acha que é possível lançar e viabilizar um projeto sem ter financiamento?

Escrevi sobre isso no meu livro « Princípios para Inovar a sua Empresa » para ilustrar esse ponto, diria primeiro anatoma depois capital financeiro. Incentivo na capacitação dos empreendedores a pensar no modelo de negócio, a amadurecer as suas ideias e criar um MVP (Mini Produto de Valor). Por exemplo, vende uma garrafa de água, testa e passa de micro

para macro, assim o empreendedor não pensa inicialmente no capital financeiro. Com essa experiência, aprende as lições e replica o processo, quando se tem essa abordagem de ir passo a passo, testar a ideia, começar de uma forma micro para expandir para macro, é o próprio negócio que nos leva a ir buscar o financiamento necessário para aquilo que já tem criado, pode-se também experimentar no digital, criar uma empresa virtual, testar e ver se vale a pena.

Como surgiu a ideia de escrever?

Com KUSSOKWELA, que significa plantar sementes ou semear na língua quimbundo (Kimbundu), uma plataforma na qual faço laboratórios com jovens, sessões de coaching, mentoria para facilitar a criação de uma mentalidade empreendedora, decidi escrever artigos no jornal PAÍS, em Angola, para partilhar com as pessoas. Tive a necessidade de catalogar todo o meu conhecimento que fui adquirindo ao longo dos anos num livro para com-

partilhar, é um livro de consulta, uma « galeria de conceitos » na qual transmito conhecimentos como consultora de negócios, mentora de empreendedores emergentes, como uma orientadora para líderes.

Quais são as dicas que daria às jovens mulheres empreendedoras que queiram singrar nos negócios?

Ter visão, criar uma marca pessoal para que se reflita no negócio que está a desenvolver, pensar em primeiro no aventureamento da ideia antes de procurar financiamento mas poderá encontrar muito mais no meu livro.

Como empreendedora, treinamo-nos para resolver problemas, é um estilo de vida, na verdade, o empreendedorismo é um estilo de vida de uma forma humanizada, tenho muito essa componente de espiritualidade não de religião mas de espiritualidade, o empreendedorismo ajuda-me muito a perceber quem eu sou e ajuda-me a compreender o outro.

Em Portugal, tive a oportunidade de ir a um Congresso de Empreendedorismo, visitei o ecossistema do empreendedorismo durante uma semana, em Lisboa, que na verdade me incentivou a criar um ecossistema em Angola para apoiar os empreendedores mas também no mundo da Lusofonia.
« A crise não justifica a morte de empresas », aliás, basta tirar o S da palavra « CRISE » transformando em « CRIE »!

Como encontra o seu equilíbrio quer a nível profissional quer a nível pessoal?

Gosto muito de ir aos cafés, gosto da natureza, tenho uma disciplina de gestão de tempo, tenho sentido de humor, gosto muito de brincar, nas minhas sessões de mentoria, digo muitas piadas, sou alegre, envolvo a minha família no que faço e isso traz equilíbrio no meu dia-a-dia, manter um estado emocional que traz esse equilíbrio é fundamental.

Existe uma Academia de meninos cientistas em Luanda, Viana, onde se ensina aos mais carenciados ciência, tecnologia, programação, matemática, engenharia..., qual é o seu papel enquanto madrinha desse nobre projeto?

Puxar as orelhas (risos), esses relacionamentos que crio são para sempre, vamos conectando-nos e acompanho o processo do crescimento deles, recolho donativos para certos países da África, ajudo em dar recursos, faço esse papel de facilitadora de conexão.

É Embaixadora da Paz reconhecida pela Universal Peace Federation&Youth and Student for Peace, que mensagem deixaria à comunidade lusófona?

O que nos é ensinado, como Embaixadora, é essa questão da cultura do coração, fazer as coisas em prol do outro, seja empreendedor, seja empresário, seja executivo, faça do coração e faça para o Bem do Coletivo porque acredito num mundo melhor. Para nós fazermos com que, de facto, o mundo seja melhor, um dos melhores caminhos é fazer com coração e humanismo.



Sylvie das Dores Bayart
Empresária Dijon

| AMBIENTE

Quem veste a pele do “lobo mau”?

Aquele que é amplamente reconhecido como um dos animais selvagens que mais perseguição sofreu por parte do homem, desde tempos idos e imemoriais, que as nossas reminiscências colectivas não conseguem alcançar, volta a ser alvo de novas e ferozes perseguições. Triste sinal, a do lobo.

Apesar dos irrefutáveis avanços no conhecimento científico relativos à importância da biodiversidade, persiste uma espécie de trauma inscrito no ADN humano que nos coloca, não raras vezes,



numa posição diametralmente oposta ao lobo, numa visão puramente egoísta relativamente à sã convivência entre espécies que interagem e habitam o mesmo planeta.

Diabolizado por crenças ancestrais e contos populares contados às “criancinhas”, de geração em geração, por histórias e filmes de lobisomens e por encenações teatrais, o lobo, sempre ostentou o arquétipo de besta selvagem, perante o qual, uma parte considerável dos humanos sente um misto de ódio e de medo, numa proporção desmedida e amplamente materializada na construção de enormes fojos em agrestes serras, nas férreas armadilhas encobertas pela folhagem ou nos

laços de aço estrategicamente colocados nos trilhos da “besta”. Desde as batidas organizadas, no tempo em que eram permitidas por lei, até aos abates fortuitos cometidos na actualidade, o lobo, esteve sempre debaixo da mira do seu maior predador – o homem.

Assistimos hoje a uma forte pressão exercida sobre as zonas de presença das alcateias, ameaçadas por lanços de auto-estradas, parques eólicos, linhas de alta tensão, mineração a céu aberto, construção de barragens e ampliação de perímetros urbanos. Por outro lado, os ataques ao gado doméstico provocados pelos lobos têm desencadeado uma onda de indignação que pretende pressionar o poder político no sentido de existir um



maior controle sobre o número de efectivos lupinos. Em Portugal, apesar de ostentar o estatuto de espécie protegida desde 1990, numa iniciativa legislativa nacional adicional à Convenção de Berna, à CITES e à Directiva Habitats, o lobo-ibérico continua a ser alvo de várias investidas. A elevada burocracia e as exigências quase impossíveis de cumprir, ditam a não compensação monetária aos agricultores que perdem os animais na sequência de ataques perpetrados pelos lobos. Urge aqui uma nova postura do Estado, no sentido de se compensarem devidamente os agricultores pelas perdas dos seus efectivos pecuários e de se criar um ambiente pacífico de coexistência entre o homem e o lobo. Importa ressalvar também a necessidade

de um maior investimento dos agricultores na protecção dos seus pertences, aplicando para tal, os fundos de apoio à actividade agro-pecuária, atribuídos pelas autarquias, Estado e União Europeia.

O lobo é extremamente importante no equilíbrio ecológico do nosso ecossistema, em particular, no controle de javalis, cuja presença se transformou numa verdadeira praga. A sobrepopulação desta espécie tem provocado danos consideráveis nos lameiros e nos terrenos de cultivo. Os prejuízos causados pelos javalis serão seguramente maiores que os provocados pelos lobos. No entanto, o odioso dos humanos continua a recair sobre os lobos.

De que lhes serve a existência de uma legislação que lhes



atribui o estatuto de espécie protegida e de que lhes serve a localização do seu habitat em regiões de protecção classificada, se a coberto de interesses incompreensíveis e injustificáveis inviabilizamos a sua existência?

Em 2022, por pressão do lóbi da caça, a Suécia autorizou o abate controlado de 75 lobos nas florestas de Gävleborg e Dalarna. Ali ao lado, a Noruega autorizou o abate de 51. São números preocupantes, quando o lobo-da-Escandinávia se encontra em perigo de extinção. Na Holanda, as autoridades consideram que os lobos estão a ficar demasiado dóceis, o que pode representar um grande perigo a longo prazo. Para evitar essas aproximações, o país propôs que se afastem aqueles animais com bolas de paintball. Todavia, esse plano, foi mais tarde chumbado pelo tribunal. A Suiça, registou, no ano passado, mais de um milhar de ataques mortais ao gado e, por

isso, quer aliviar as restrições ao seu abate. Por outro lado, a presidente da Comissão Europeia, na sequência da morte do seu pônei de estimão, alegadamente, por um lobo, ordenou a reavaliação das regras que protegem os lobos na Europa.

Importa recordar que, em 2021, a Espanha, à semelhança dos vizinhos – França e Portugal – proibiu a caça ao lobo. Todavia, nestes países, têm aumentado os ataques de lobos aos animais domésticos, gerando alguma revolta entre os produtores pecuários, que não vêem os seus prejuízos resarcidos pelas entidades competentes. Contudo, num volte-face inesperado, em 2022, no seguimento de vários ataques de lobos ao gado doméstico, o Governo da Comunidade Autónoma da Cantábria, autorizou o abate de 10 lobos.

Perante todas estas pressões exercidas em diversos países europeus, pergunta-se: - Quem veste a pelo do “lobo mau”?



Vítor Afonso
Mestre em TIC

Visto a esta luz

*Visto a esta luz és um porto de mar
como reverberos de ondas onde havia mãos
rebocadores na brancura dos braços*

*Constroem-te um ponte
que deverá cingir-te os rins para sempre*

*O que há horrível no teu corpo diurno
é a sua avareza de palavras
és tu inutilmente iluminado e quente
como um resto saído de outras eras
que te fizeram carne e se foram embora
porque verdade sem erro certo verdadeiro
nada era noite bastante para tocarmos melhor
as nossas mãos de nautas navegando o espaço
os corpos um e dois do navio de espelhos
filhos e filhas do imponderável
de cabeça para baixo a ver a terra girar*

*Quero-te sempre como nã querer-te?
mas esta luz de sinopla nas calças!
este interposto objecto
e o seu leve peso de eternidade*

Mário Cesariny

Seleção de poemas Gilda Pereira

| SAÚDE E BEM ESTAR

Reflexões partilhadas... a propósito do tão maltratado SONO



Cada vez mais me chegam à consulta crianças e adolescentes com problemas e distúrbios graves de sono. O sono continua a ser maltratado pela maioria da população, não só, não lhe damos o devido valor, reconhecendo-o como necessidade fisiológica (base vital), já nos dia Maslow... como cometemos erros graves, como p.ex: adormecer a olhar para equipamentos eletrónicos que emitem a chamada luz azul que atrasa a produção da hormona do sono. Isto pode causar dificuldade em adormecer ou alterações nas fases do sono. Com o passar do tempo, esta privação de sono (usada como tortura nos tempos an-

tigos) traz-nos irritabilidade, intolerância, impulsividade e outros sintomas mais graves que poderão causar doença mental.

Tem sido uma luta que me parece, enquanto clínica que veio para durar...

Há toda uma psicoeducação para se fazer!

Hoje trago-vos um artigo recente, de Adam Barnes, publicado na APA (Associação Americana de Psiquiatria) no dia 1 de Agosto de 2022 com o título:

“Dormir menos de 9h pode afetar a memória e saúde mental das crianças”



Crianças em idade escolar (1º ciclo) que dormem menos do que o número recomendado de horas por noite apresentam diferenças nas regiões cerebrais associadas à memória, inteligência e bem-estar, de acordo com um estudo recente. Para o estudo publicado na Lancet Child & Adolescent Health, investigadores da Universidade de Maryland examinaram imagens de ressonância magnética e prontuários médicos de mais de 8.300 crianças de 9 a 10 anos, bem como pesquisas concluídas pelos participantes e pelos seus pais. A equipa relacionou a falta de sono com problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade e problemas de memória, incluindo resolução de problemas e tomada de decisão. Os investigadores contabilizaram o status socioeconómico, o sexo, a fase de desenvolvimento e outros fatores que

poderiam afetar os hábitos de sono e a função cerebral da criança.

As avaliações de acompanhamento mostraram que os hábitos de sono do grupo que não respondia às recomendações de nove a doze horas por noite não mudaram significativamente ao longo de dois anos. “Descobrimos que as crianças que tinham sono insuficiente - menos de nove horas por noite - no início do estudo, tinham menos matéria cinzenta ou menor volume em certas áreas do cérebro, responsáveis pelo controle de atenção, memória e inibição, em comparação com aquelas com hábitos saudáveis de sono”, disse o autor responsável do estudo, Ze Wang, num comunicado aos media. “Essas diferenças persistiram após dois anos, uma descoberta preocupante que sugere danos a longo prazo para aqueles que não dor-

mem o suficiente”, continuou. Os pais podem ajudar os seus filhos a atingir esse objetivo de sono limitando o uso da tecnologia perto da hora de dormir e estabelecendo um horário de sono consistente.

“Este é um estudo crucial que aponta para a importância de fazer estudos de longo prazo sobre o cérebro da criança em desenvolvimento”, diz E. Albert Reece, Professor Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Maryland, e acrescenta que o sono, muitas vezes, pode ser negligenciado durante dias, numa infância ocupada com tpc's e atividades extracurriculares.”

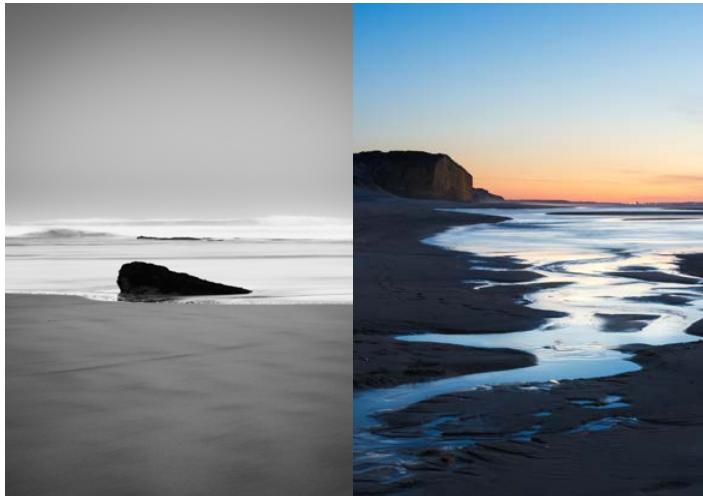
É urgente darmos importância ao Sono das nossas Crianças. Podemos atuar na prevenção evitando assim repercuções negativas no crescimento e desenvolvimento das mesmas.

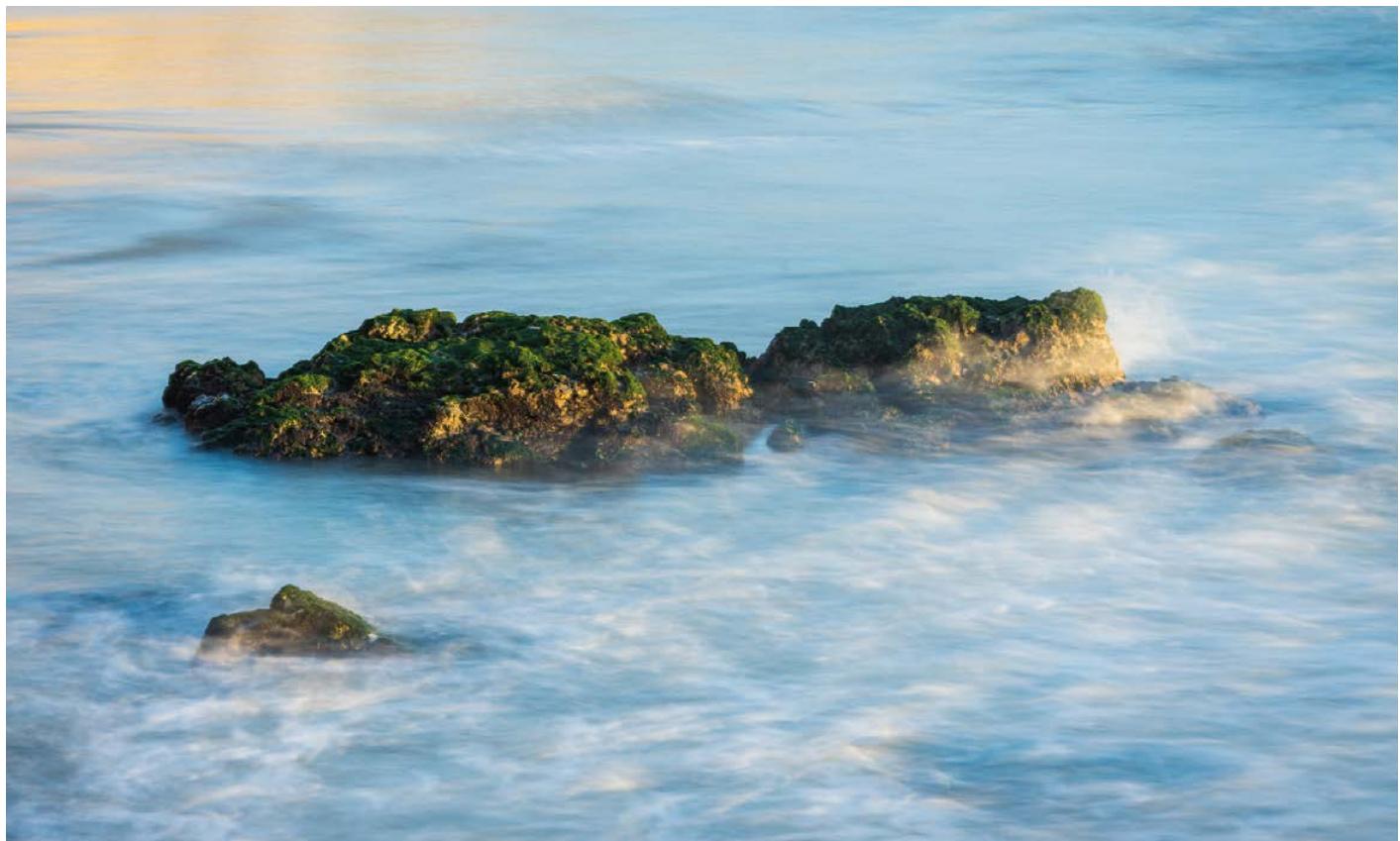
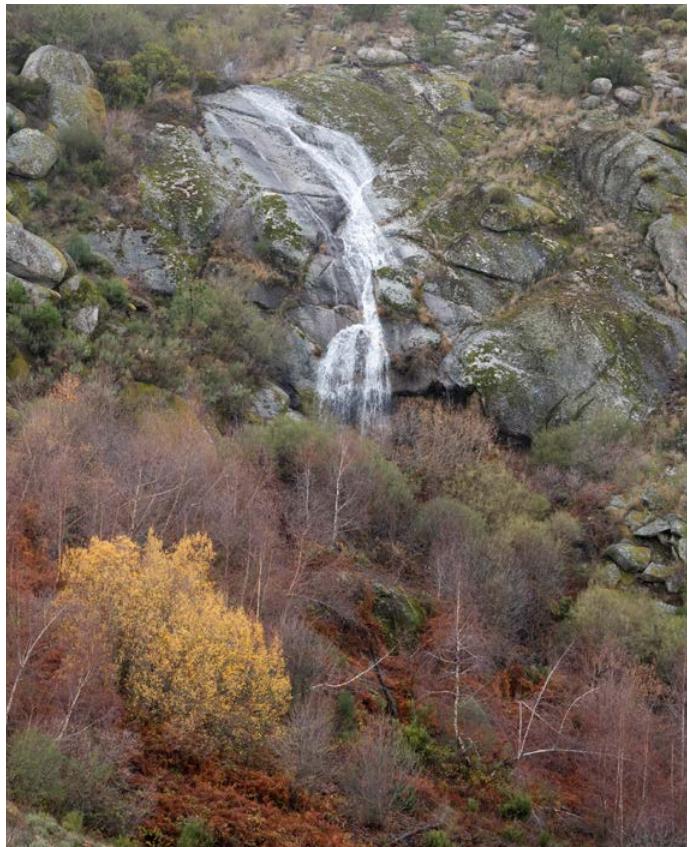
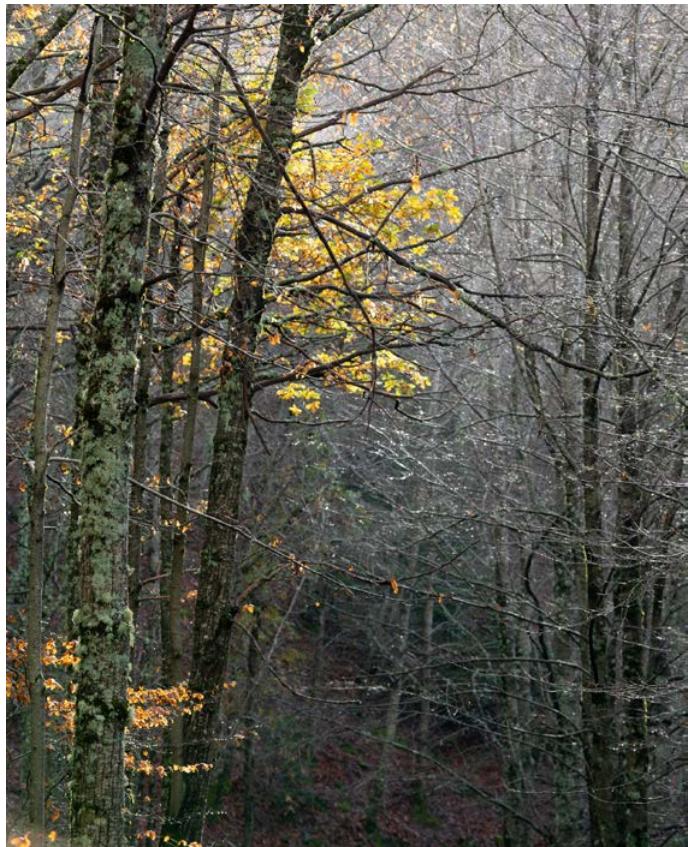


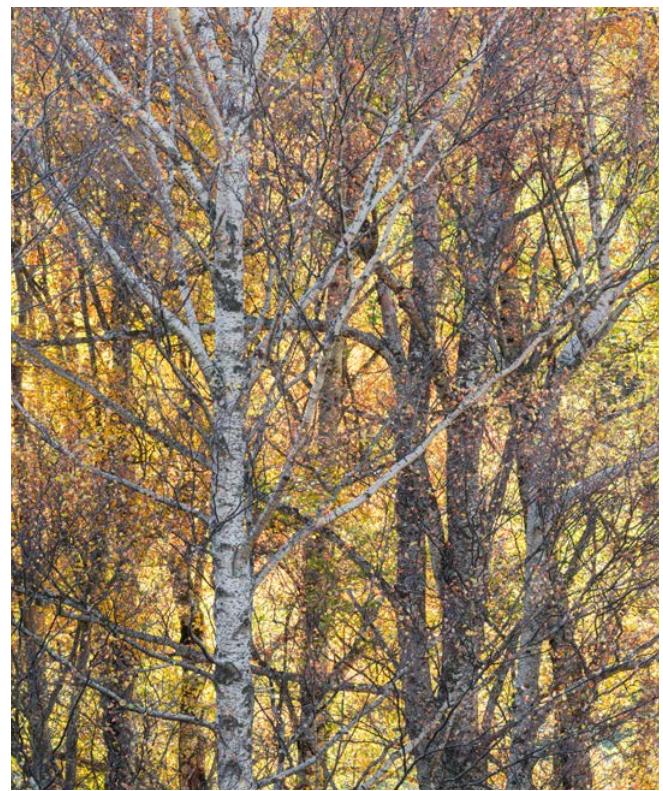
Ana Sofia Oliveira
Psicóloga Especialista em Clínica e Saúde
Terapeuta EMDR

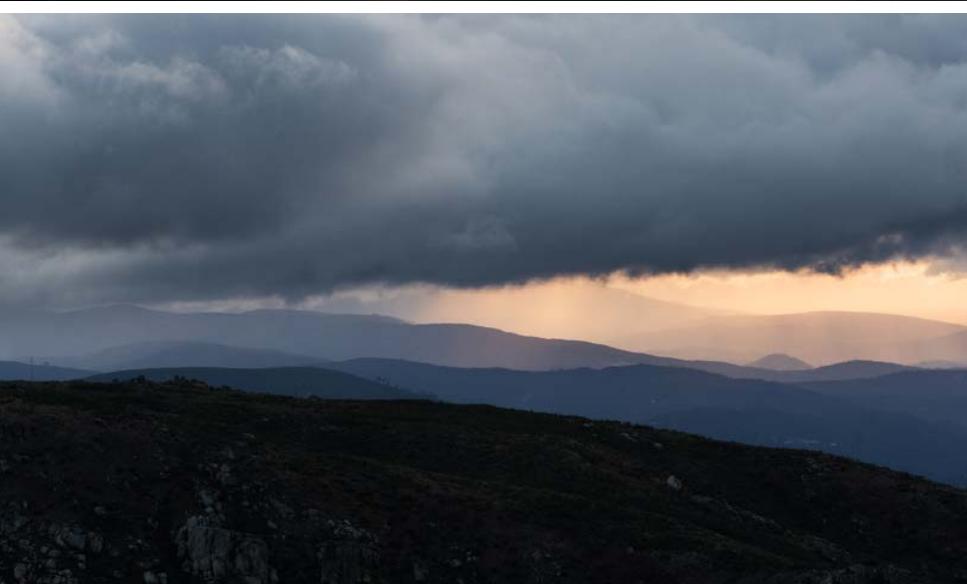
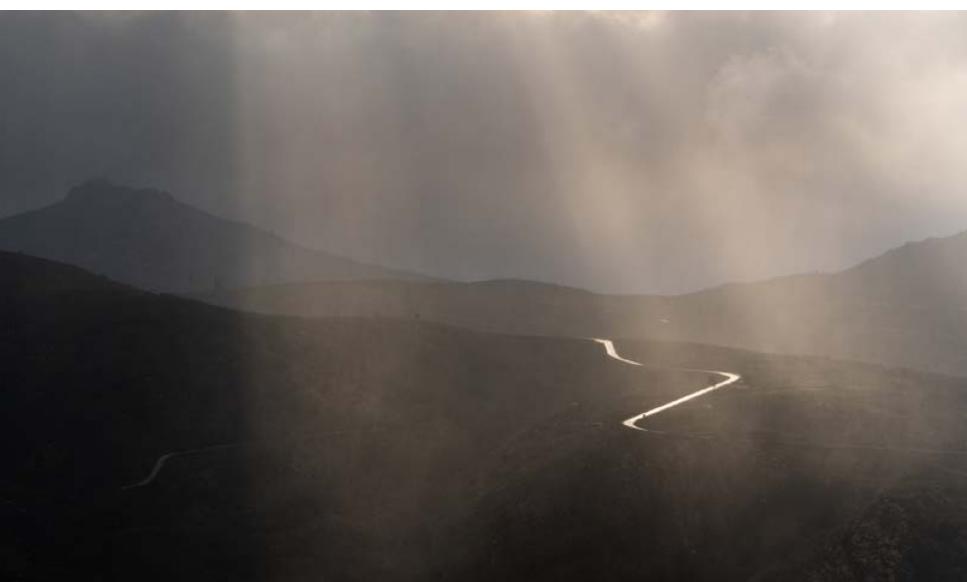


| PELA LENTE DE
Samuel Fialho









O meu nome é Samuel Fialho (também conhecido por Semisse) e gosto de fotografar nas horas livres.

Nasci, cresci e vivo na Nazaré e, por isso, o meu sangue tem a maresia deste mar. As imagens que procuro fazer ao longo desta costa pretendem trazer, a quem as vê, o aroma e os sons do oceano. Quando percorro estas praias e estas falésias aquilo que faço é escutar: ouvir o que o mar tem para dizer. Umas vezes calmo; outras vezes revolto. Seja como for, a música que ele canta é para ser escutada. Enquanto caminho por estas praias, muitas vezes ainda de madrugada, tento decifrar em vão a letra dessa música cantada. Eu acho que fala sobre muitas coisas. Conta histórias de tragédias, de alegrias, de amores, de desilusões. Conta certamente histórias sobre os meus antepassados que por lá ficaram e não regressaram jamais.

Pelos caminhos mais inacessíveis da Serra da Estrela sigo convicto de que, por aqui, também caminharam os pastores com os seus rebanhos. Montanha acima em busca de erva fresca, na Primavera. Em fuga, para baixo, aos primeiros sinais de Inverno.

Mas é o momento em que a Terra se afasta mais do sol que pretendo fotografar com esta série de imagens. O solstício de inverno na Serra da Estrela é um momento especial. Durante estes dias é fácil acreditar que o Sol está morto e que o gelo, o frio e a escuridão que cobrem a montanha ficarão para sempre.

| COM LUPA: CÁ DENTRO

Em volta da Pérola do Atlântico

II Parte



Agora que já desfrutou de uma aprazível refeição, deixe que os ventos madeirenses o levem a conhecer os jardins perfumados da ilha.

Chegamos ao Monte Palace Madeira, um espaço de confluência entre a riqueza histórica e a diversidade da natureza.

Foi no século XVII que a história deste belo espaço se iniciou com a compra, pelo cônsul inglês (Charles Murray), de uma propriedade a sul da Igreja do Monte, a qual transformou em quinta: Quinta do Prazer. A propriedade foi adquirida em 1897 por Alfredo Guilherme Rodrigues, o qual a reformou completamente sob as inspirações que trazia do Rio Reno. Construiu assim uma residência com

características de palácio, posteriormente transformada em hotel, com o nome de Monte Palace Hotel. Embora, este tivesse servido como palco para pessoas reputadas e cosmopolitas que aproveitavam o espaço e a vista mágica sobre o Funchal, a verdade é que com o falecimento de Alfredo Rodrigues, o projeto não teve qualquer seguimento, sendo encerrado e passado para uma instituição financeira “Caixa Económica do Funchal”. Finalmente, em 1987, a instituição vendeu a propriedade ao empresário José Manuel Rodrigues Berardo, nascendo assim o Monte Palace Madeira.

Comece por visitar o Museu Monte Palace Madeira com as suas ilustres esculturas e os fascinantes minerais. Na



exposição “Paixão Africana” contemplará uma coleção de escultura contemporânea do Zimbabué (do período compreendido entre os anos 1966 e 1969) com mais de 1000 exemplares distribuídos em dois pisos do museu. Com os “Segredos da Natureza” apreciará uma coleção de minerais oriundos de diversos países (Portugal, Peru, Brasil, África do Sul, Argentina, Zâmbia e América do Norte, principalmente). Além disso irá fazer parte de uma experiência imersiva dos encantos das formações dos minerais. É imperdível, acredite!

Conheça agora o Jardim Monte Palace Madeira, onusto

das mais belas e exóticas coleções de plantas provindas dos quatro cantos do mundo, ao longo de uma extensão de 70.000 m². Não lhe queremos desvendar tudo o que aqui irá encontrar, mas segredamos-lhe que no que diz respeito tanto à flora como à fauna, a diversidade não tem limites! À medida que percorre o jardim irá cruzar-se com majestosas espécies que o irão acompanhar nesta exploração.

E, se, pensa que já não bastariam todas estas riquezas, damos enfoque a mais duas características: os azulejos e o cruzamento oriental. Descendentes dos árabes, os azule-

jos – al-zuleycha (“pequena pedra”) – transformaram-se num dos maiores símbolos da tradição portuguesa. Ao longo dos passeios as peças em exibição contar-lhe-ão a história, desde os exemplares hispano-mouriscos dos séculos XV e XVI até aos painéis contemporâneos. Maravilhado pela cultura, história e modo de vida oriental, durante uma viagem à China, José Berardo recriou nos jardins essa atmosfera. Nas lagoas os peixes koi nadam e nadam...assim como uma carpa se pode transformar num dragão, os seus sonhos podem converter-se em realidade...

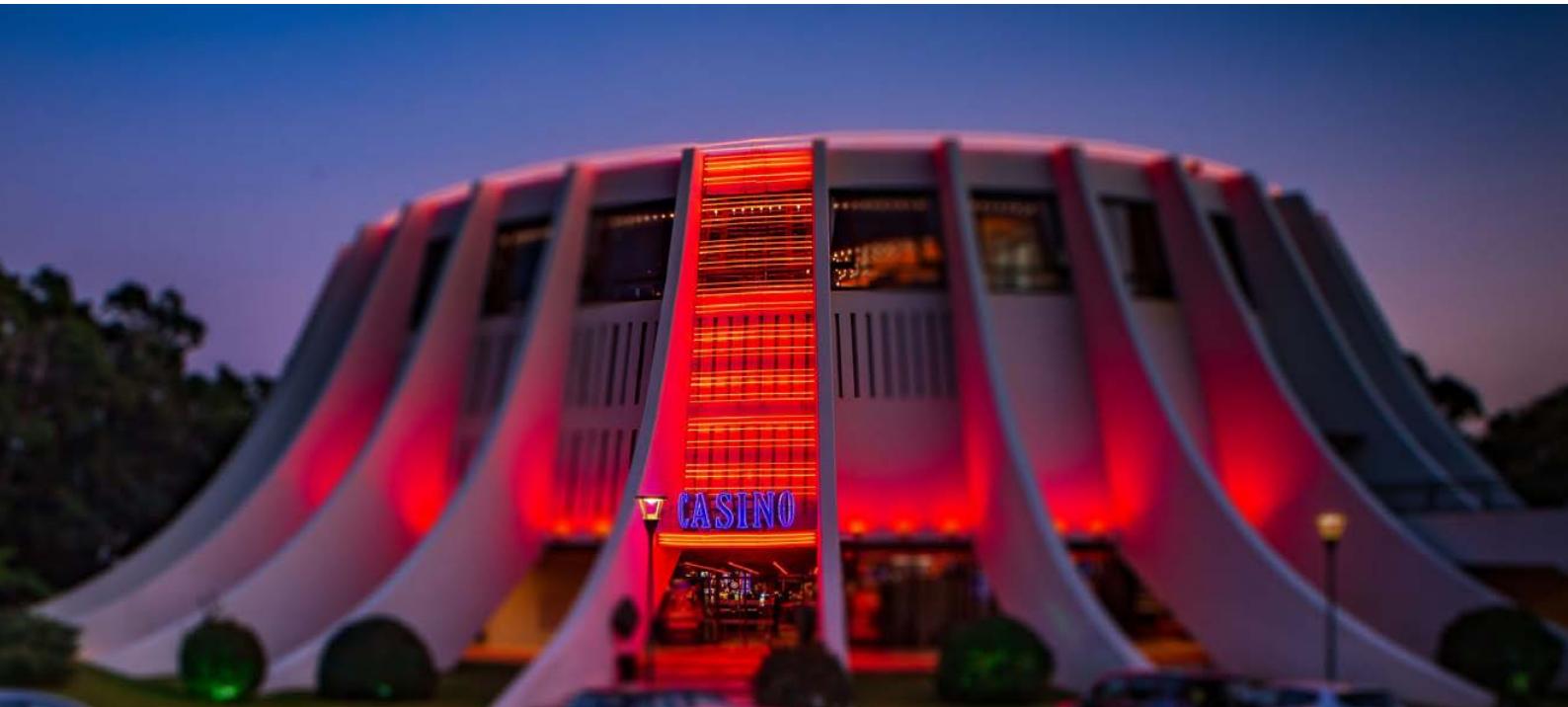
Esta viagem intercultural transportou-o para tão longe... está na hora de retornarmos à nossa ilha e descobrirmos muito mais sobre ela!

Situado em plena Zona Velha do Funchal, o Madeira Story Centre irá envolvê-lo na cronologia madeirense. Apelando aos seus 5 sentidos, por meio de quadros interativos, cheiros, imagens, sons e desafios, embarcará numa jor-

nada pelos seguintes pontos: As Origens Vulcânicas; Flora; Lendas da Descoberta; Tumulto e Comércio; Ilha Estratégica; Desenvolvimento da Madeira; Depois da Navegação e Explore a Madeira. A visita ao museu tem a duração de cerca de 45 minutos, decorre todos os dias da semana (entre as 09h00 e as 19h00) e tem o custo de 5€ (bilhete normal) e 3€ (bilhete júnior). Durante esta tarde caso esteja a precisar de um refresco ou caso se sinta faminto por pratos típicos enquanto contempla a paisagem, não deixe de parar no restaurante do Story Centre. Molhe os lábios com uma suculenta sangria acompanhada de uma espetada regional inefável. Com preços acessíveis, excelente atendimento e opções variadas para dietas especiais, este é um dos restaurantes a não perder no seu percurso! Não se esqueça de passar ainda pela loja, e levar consigo lembranças da ilha, desde artesanato caraterístico da região até artigos regionais mais distintivos.

Na eventualidade de ser fã do jogador de futebol em ques-





tão, o próximo ponto é determinante para si. Contudo, independentemente de acompanhar ou não o desporto, a visita a este espaço não o irá decepcionar. Chegamos, pois, ao Museu CR7! Perca-se entre as inúmeras conquistas do jogador, com as botas de ouro, as bolas de ouro medalhas e troféus de clubes, e, aproveite para “interagir” com o desportista através da realidade aumentada. Um dos espaços emocionantes do museu é, indubitavelmente, a zona expositiva com as correspondências dos fãs de todo o mundo, das mais variadas idades, que expressam a sua homenagem ao atleta. Para os admiradores do CR7, a hora de utilizar as poupanças é agora! Levem produtos autografados, roupa, réplicas e moedas, souvenirs... O museu abre as portas de segunda-feira a sexta-feira, entre as 10h00 e as 17h00 com o custo de entrada de 5€, à exceção das crianças até aos 9 anos (cuja entrada é gratuita).

E, finalmente partimos para o último local do nosso dia: Casino da Madeira. O espaço conta com um parque de estacio-

namento gratuito com cerca de 60 lugares, pelo que esperamos que tenha sorte para usufruir do mesmo. Para entrar, necessita da criação (sem custos) do cartão de fidelização “Welcome Card”, por forma a que possa entrar e sair facilmente do Casino. Se porventura é um amante da adrenalina do jogo, divirta-se na Sala de Jogos que alberga 200 máquinas de slots, 2 mesas de Blackjack, 2 mesas de Poker e 2 mesas de Roleta Americana. A pista animada de dança é o seu forte?! O Copacabana é a catedral da sua noite madeirense, com sistema de som, iluminação e vídeo-projeção de qualidade. O casino dispõe igualmente, de salas e auditório para concertos, espetáculos, conferências e congressos. Jante pelo casino, no restaurante Rio ou Bahia e relaxe durante a noite no Palm Bar. Para este mês de fevereiro, já pode ir reservando, na noite de São Valentim, o seu lugar e o da sua cara-metade na sala Bahia, pelo valor de 40€ (por pessoa, jantar e espetáculo, com bebidas incluídas ao longo do jantar).

Vemo-nos em março!

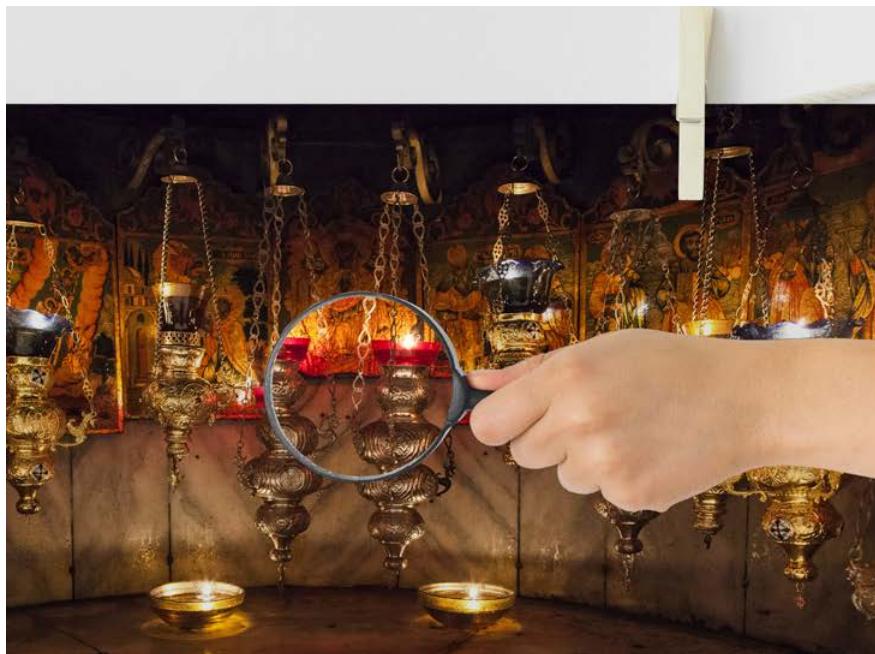


Fatinha Pinheiro
Geógrafa

| C O M L U P A : L Á F O R A

Belém

A cidade berço de Jesus Cristo



Belém é uma cidade da Palestina localizada na parte central da Cisjordânia, com uma população de cerca de 30 000 pessoas. É a capital da província de Belém, no Estado da Palestina, e um centro de cultura e turismo no país. Localiza-se a cerca de 10 quilómetros ao sul de Jerusalém.

Belém é, para a maior parte dos cristãos, o local onde nasceu Jesus de Nazaré. A cidade é habitada por uma das mais antigas comunidades cristãs do mundo, embora seu tamanho tenha vindo a diminuir nos últimos anos, devido à emigração.

Belém foi conquistada pelo califado árabe de Omar, em 637, que garantiu a segurança para os santuários religiosos da cidade. Em 1099 os cruzados capturaram e fortificaram Belém, e trocaram o seu clero, ortodoxo grego, por outro, latino; estes, no entanto, foram expulsos depois que a cidade foi capturada pelo sultão aiúbida do Egito e Síria Saladino.

Com a chegada dos mamelucos, em 1250, as muralhas da cidade foram destruídas, sendo reconstruídas apenas durante o domínio do Império Otomano.

Os otomanos perderam a cidade para os britânicos durante a Primeira Guerra Mundial, e ela foi incluída numa zona internacional, sob o Plano de Partilha das Nações Unidas para a Palestina.

A Jordânia ocupou a cidade durante a guerra israelo-árabe de 1948, ocupação esta seguida pela de Israel, durante a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Atualmente, Belém é uma cidade estrangulada pelo muro de segurança israelense. Israel controla as entradas e saídas de Belém, embora a administração quotidiana esteja sob a supervisão da Autoridade Nacional Palestina desde 1995, após a realização dos acordos de paz de Oslo.

A população de Belém é constituída de cristãos e muçul-

manos, que têm coexistido pacificamente durante a maior parte de sua história. Atualmente, a população é majoritariamente muçulmana, mas a cidade ainda abriga uma das maiores comunidades de cristãos palestinos. O contingente de cristãos, que correspondia a cerca de 90% do total em 1948, tem decrescido drasticamente e hoje corresponde a 30%. Esse declínio é atribuído à falta de perspectivas da economia, dado que muitas famílias de agricultores cristãos perderam suas terras. As maiores religiões em Belém, são o Cristianismo (principalmente o catolicismo) e o Islã-mismo, com alguns poucos grupos de Judeus.

A principal atividade económica da cidade é o turismo, que cresce sobretudo, durante o período do Natal, quando a Igreja da Natividade, supostamente construída sobre o local de nascimento de Jesus, torna-se um centro de peregrinação cristã. Também a tumba de Raquel, um importante local sagrado para o judaísmo, encontra-se na entrada de Belém. A cidade tem mais de trinta hotéis e 300 lojas de artesanato, que empregam boa parte dos residentes da cidade. A economia de Belém sempre esteve ligada à de Jerusalém, que está a cerca de 10 km de distância. Mas o grande muro de cimento, com 9 metros de altura construído por Israel passa por dentro da província de Belém, e assim, os habitantes de Belém já não vão a Jerusalém para trabalhar ou fazer compras. Sem terras para cultivar, eles estão agora quase totalmente dependentes do dinheiro gasto pelos peregrinos. Fugindo do desemprego de mais de 50% e privados das liberdades fundamentais, mais cerca de 3.000 cristãos emigraram nos últimos anos para os EUA e o Chile. Património Mundial da UNESCO, a estrela de prata marca o local onde Jesus teria nascido, de acordo com a tradição

cristã. Dois relatos do Novo Testamento descrevem Jesus como tendo nascido em Belém. De acordo com o Lucas 2:4, os pais de Jesus viviam em Nazaré, porém viajaram para Belém para o censo de 6 d.C., e Jesus teria nascido ali antes que a família voltasse para Nazaré. O relato do Evangelho de São Mateus porém, mencionando que Jesus fora nascido em Belém de Judá (Mat 2, 1), sem menção explícita a qualquer condição especial, como viagem, a que reporta o Evangelho segundo Lucas, admite o entendimento (todavia não descartando, de todo, a circunstância de permanência temporária por ocasião do nascimento), de que a família já vivia em Belém quando Jesus nasceu, e posteriormente, se mudou para Nazaré (Mat 2, 1-23).^[18] Mateus ainda relata que Herodes, o Grande, ao receber a notícia de que um “Rei dos Judeus” acabara de nascer em Belém, ordenou que todas as crianças com dois anos ou menos na cidade e nas redondezas fossem mortas. O pai terreno de Jesus, José é alertado sobre isto num sonho, e foge com sua família ao Egito, retornando apenas depois da morte de Herodes. Ao receber outro aviso, em outro sonho, no entanto, José, foge novamente com sua família, desta vez para a Galileia, para viver em Nazaré.

A antiguidade da tradição do nascimento de Jesus em Belém é atestada pelo apólogista cristão Justino, o Mártir, que declarou em seu Diálogo com Trifão (c. 155-161) que a Sagrada Família teria se refugiado numa caverna nos arredores da cidade. Orígenes de Alexandria, escrevendo por volta do ano 247, referiu-se a uma caverna na cidade de Belém, que os habitantes locais acreditavam ser o local de nascimento de Jesus. Esta caverna poderia ser uma que foi anteriormente local destinado ao culto de Tammuz.





Domínio islâmico e Cruzadas

A Mesquita de Omar, única mesquita da cidade, foi construída em 1860, para celebrar a visita do califa Omar a Belém, após sua captura pelos muçulmanos

Em 637, pouco tempo depois da captura de Jerusalém pelos exércitos islâmicos, Omar, o segundo califa, visitou Belém e prometeu que a Basílica da Natividade seria preservada para o uso dos cristãos. Uma mesquita dedicada a Omar foi construída sobre o local da cidade onde ele orou, nas proximidades da igreja. Belém passou então para o controle dos califados islâmicos dos Omíadas, no século VIII, e dos Abássidas, no século IX. Um geógrafo persa registrou, no meio deste século, que uma igreja muito bem preservada e extremamente venerada existia na cidade. Em 985, o geógrafo árabe Mocadaci visitou a cidade, e referiu-se à sua igreja como “Basílica de Constantino, à qual não existe igual em qualquer outro lugar do país.” Em 1009, durante o reinado do sexto califa fatímida, Aláqueme Biamir Alá, a Basílica da Natividade foi demolida, sob suas ordens; sua reconstrução foi autorizada pelo seu sucessor, Ali Azair, como forma de consertar as relações entre os fatímidas e o Império Bizantino.

Em 1099, Belém foi capturada pelos cruzados, que a fortificaram e construíram um novo mosteiro e um claustro no lado norte da Basílica da Natividade. O clero ortodoxo grego

foi removido das suas sedes, e substituído por clérigos latinos; até aquele ponto a presença oficial cristã na região era ortodoxa grega. No dia de Natal de 1100, Balduíno I, primeiro rei do reino franco de Jerusalém, foi coroado em Belém, e naquele ano um bispado latino também foi estabelecido na cidade.

Belém, na visão do pintor Vasily Polenov

Em 1187, o sultão aiúbida do Egito e Síria Saladino liderou suas tropas que capturaram Belém dos cruzados. Os clérigos latinos foram obrigados a fugir, o que permitiu o retorno do clero ortodoxo grego. Saladino concordou com o retorno de dois padres latinos e dois diáconos, em 1182; a cidade, no entanto, sofreu com a perda do comércio gerado pelos peregrinos, com o declínio de visitantes europeus.

Mas, a história desta cidade não fica por aqui. Foi e continua a ser palco de guerras religiosas.

A UNESCO, inscreveu-a como Local do nascimento de Jesus, nomeadamente, a Igreja da Natividade e a Rota de Peregrinação, como Património Mundial por “ser um local identificado com a tradição Cristã como o local de nascimento de Jesus Cristo, desde o século II. O local ainda inclui conventos e igrejas Latinas, Gregas Ortodoxas, Franciscanas e Armêniias”.



O parecer comum dos estudiosos contemporâneos, considera que não há argumentos fortes para contradizer o que afirmam os evangelhos e o que assegura a tradição: Jesus nasceu em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes.

Mateus não especifica o lugar, mas Lucas ressalta que Maria, depois de dar à luz a seu filho, “envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc 2,7). O “presépio” indica que, no local onde nasceu Jesus, guardava-se o rebanho. Lucas indica também, que o menino no presépio será o sinal para os pastores reconhecerem o Salvador (Lc 2,12.16). A palavra grega que o evangelista emprega para designar hospedaria é *katályma*. Este termo, designa o cómodo espaçoso das casas, que servia de salão ou quarto de hóspedes.

A evidência mais marcante é a respeito da estrela que paira sobre Belém. Em Mateus, lemos: “Homens sábios do Oriente vieram a Jerusalém, dizendo: ‘Onde está aquele que nasceu rei dos judeus? Pois vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo’” (2: 1-2).

Belém já foi e será visitada por muitos portugueses e lusodescendentes cristãos, católicos ou não. O importante e o que mais nos caracteriza é a nossa atitude agregadora das diferentes sensibilidades à volta de seres «humanos» mais ou menos divinos que nos convidam a tratar os outros como gostaríamos que nos tratassesem a nós. Independentemente dos nossos credos e não apenas no Natal. Ser português também é isto: ajudar a erguer pontes de Paz e tolerância! Jesus Cristo não nasceu para dividir os Homens.



Madalena Pires de Lima
Escritora



| FALAR PORTUGUÊS

Cinco ideias para desemperrar a escrita

Hoje em dia, todos escrevemos imenso: na nossa vida profissional, na nossa vida pessoal — às vezes, até por prazer. Ora, nem sempre estamos para aí virados: ou estamos cansados, ou não temos ideias, ou achamos que tudo vai sair mal — ou talvez até tenhamos coisas mais interessantes para fazer, mas o prazo para entregar o relatório acaba hoje e temos apenas uma palavra escrita: «Relatório».

Lembrei-me, por isso, de vos deixar por aqui cinco sugestões para desemperrar as mãos e começar a escrever: Ler alguma coisa antes de começar — por exemplo, textos do mesmo género ou sobre o mesmo assunto. Aliás, pensando bem, podemos usar qualquer texto bem escrito. Já reparei que, mesmo quando quero escrever algum relatório ou outro documento daqueles bem aborrecidos, ler um



pouco de um qualquer livro bem escrito é remédio santo para escrever melhor — e talvez até conseguir um documento um pouco menos aborrecido.

Imaginar que estamos a escrever uma carta a alguém nosso conhecido. No final, podemos retirar os andaimes, ou seja, o aspecto de carta, mas se estivermos a pensar naquela pessoa em particular, costuma ser mais fácil escrever.

Começar por contar uma pequena história. Escrever é como falar em público: temos de ser claros e precisos, mas também agarrar a atenção de quem nos ouve ou lê. Assim, contar uma pequena história relevante é uma boa forma de começar. Para mais, contar uma história ajuda-nos a escrever de forma mais descontraída.

Criar uma lista. Tal como neste pequeno texto que aqui vos deixo, uma boa ideia para escrever quando nada parece resultar é pensar numa lista do género: «cinco motivos para...», «sete formas de...», «dez erros de...». Pode ser um género cansativo, se abusarmos dele, mas também pode ser

um truque para começar a bater nas teclas furiosamente. Se quisermos, podemos usar como exercício e depois transformar a lista num texto normal.

Estabelecer um objectivo de palavras e escrever sem parar até chegar a esse objectivo. Ou seja: tenho de escrever duas mil palavras? Escrevo sem parar até chegar às duas mil palavras. No fim, podemos ter um texto sem qualquer valor — ou até podemos ter uma base de trabalho, com algumas boas ideias. Vai na volta, conseguimos escrever um texto que precisa apenas de um ou dois retoques (não é provável)...

Estas são apenas cinco ideias. Há muitas outras, claro está. Mas deixem-me que vos diga que, na minha opinião, a grande culpada de todos estes blogueios é a insegurança. Será que vou escrever bem? Que vou conseguir o que se quer? Ora, lembremo-nos de que tudo o que escrevemos pode ser revisto no fim. Não temos de ter medo: o truque é começar — e depois sevê. (Mas convém mesmo rever, no fim...). Haverá algum leitor que queira partilhar mais algum truque para desemperrar a escrita?



Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

MERCADO DE CRIPTOATIVOS

Sistemas de pagamento globais com criptoativos



Hoje em dia quando pensamos em criptoativos as primeiras coisas que nos vêm à cabeça são investimentos e especulação. Mas devemos lembrar-nos qual o objetivo inicial da sua criação e pensar porque é que ainda não o atingimos em termos práticos.

O primeiro criptoativo, a Bitcoin, tinha como descrição “Um Sistema de Dinheiro Eletrónico Ponto-a-Ponto”, ou seja, tinha como principal objetivo permitir a transferência de valor entre entidades que não confiam uma na outra. Esta rede opera

sem intermediários centrais, pelo que não é possível a tentativa de censura ou alteração de transações, sem que todos os utilizadores da rede assistam a tal evento.

De facto, dada a natureza global da rede de Internet, onde os criptoativos

existem, podemos desde logo dizer que os mesmos cumprem esse grande objetivo de ser uma rede global de pagamentos, com a ressalva de que essa rede assenta no criptoativo subjacente.

Até hoje, sabemos que a rede de criptoativos mais utilizada é a da Bitcoin, daí o seu valor de mercado ser o mais elevado. No entanto, esse valor é altamente volátil, dado que nem sempre existe a mesma atividade e utilizadores na rede. A adoção da Bitcoin como sistema de pagamentos tem vindo a crescer, com várias iniciativas em todo o mundo e cada vez mais governos, empresas e indivíduos a promover a adesão ao mesmo.

Devemos salientar que os pagamentos

em criptoativos são extremamente rápidos e baratos quando comparados com qualquer outra solução tradicional de pagamentos transfronteiriços, especialmente entre continentes diferentes do mundo. Quem opera nestas redes acaba por ter de utilizar uma plataforma centralizada para a entrada ou saída de fundos entre os criptoativos e moeda fiduciária, como o Euro ou Dólar.

A Luso Digital Assets é uma dessas plataformas que o faz a partir de território nacional, mas virada para fora, acolhendo clientes das mais diversas regiões do globo. Para os clientes que procuram um sistema de pagamentos global, mas que ainda não se sentem à vontade a utilizar criptoativos, é

necessário que entidades como esta forneçam uma experiência de utilizador que rivalize e em alguns pontos melhore a dos sistemas de pagamentos tradicionais. Isto não será possível sem a entreajuda de entidades nas mais variadas jurisdições, que possuem conhecimento local das atividades de pagamentos dos seus constituintes.

Acredito que esse seja o próximo passo na escalada dos criptoativos para irem além dos sistemas de pagamentos tradicionais. Esta interligação trará um enorme salto na integração financeira dos povos mais desfavorecidos e que ainda subsistem das remessas de valor dos seus familiares e amigos que residem além-fronteiras.



Ricardo Filipe

Vice-Presidente da Associação Portuguesa
de Blockchain e Criptomoedas

FISCAL

Simplex

Quantos de nós já não se encontrou perdido pelos corredores da burocracia, principalmente, para quem acaba de chegar a Portugal?

Pois bem, chegou o momento de recordar todas essas experiências, bem como todas as experiências que vivemos no estrangeiro e contribuir para melhorar Portugal, contribuindo com o máximo de sugestões possível.

Com o intuito de canalizar todas essas sugestões, Portugal criou o portal www.simplex.gov.pt.

A esta ação do estado Português dá-se o nome de Simplex. O Estado reconhece que todos, cidadãos, empresas e organizações da sociedade civil, devem ser mobilizados para melhorar os procedimentos administrativos, aproveitando as experiências, conhecimentos e ideias de todos e também as novas tecnologias e os novos meios de comunicação.

O Gabinete da Secretaria de Estado da Modernização Administrativa, é responsável por todo este programa bem como as autarquias envolvidas. O programa Simplex tem proporcionado uma profunda transformação de Portugal, permitindo grandes melhorias para a vida dos cidadãos e empresas, ao nível do estado central, regional e autárquico.

Está em curso, neste momento, de forma mais intensa, a auscultação de to-

dos para simplificar os procedimentos administrativos, de modo a simplificar a vida dos cidadãos e das empresas, quando tem de interagir com Administração Pública.

Os funcionários públicos são testemunhas, diárias, da falta de eficiente de muitos procedimentos administrativos e estão bem colocados para se envolver neste programa, nem que seja para terem uma melhor qualidade no ambiente de trabalho.

Graças a este programa surgiu uma série de serviços integrados, como o atendimento em balcão único, sendo exemplo disso os balcões Casa Pronta, Nascer Cidadão, Empresa na Hora, Perdi a Carteira ou Vamos Ter uma Criança numa Loja do Cidadão física ou virtual (como o Portal do Cidadão ou o Portal da Empresa).

Não deixe de explorar as seguintes soluções entre outras:

- www.automovelonline.mj.pt;
- www.casapronta.mj.pt;
- www.civilonline.mj.pt;
- www.empresanahora.mj.pt;
- www.portaldaempresa.pt

Ou o portal que centraliza todos os serviços públicos: <https://eportugal.gov.pt> Com este programa tem-se conseguido aumentar a eficiência do Estado, obter poupanças significativas para o Orçamento de Estado e contribuindo para

uma melhor produtividade do país, criando um ambiente mais favorável aos negócios e evitando a perda de tempo para as pessoas envolvidas.

O Programa Simplex tem quebrado as barreiras geográficas na execução de actos administrativos e na obtenção de documentos.

Tomemos como exemplo, a renovação da carta de condução. Antes teríamos de nos levantar de madrugada, para estar numa fila às portas do IMT para conseguir uma senha para tratar da renovação, por vezes descobrindo a meio do processo, que nos esquecemos de um documento qualquer que deveria ser obtido noutro organismo do Estado, sendo obrigados a repetir o processo mais uma vez.

Agora, tendo acesso à internet, a partir de qualquer dispositivo, podemos renovar a carta em menos de 5 minutos no conforto do lar, numa fila de autocarro ou no aeroporto enquanto se espera pelo avião...

Todos são, portanto chamados a contribuir, o site do simplex ensina como o fazer, e trimestralmente são divulgados os resultados das medidas previstas, resultantes das sugestões recebidas.

Os contabilistas Certificados e a sua Ordem têm dado o seu contributo para este programa e estão motivados a manter essa colaboração.



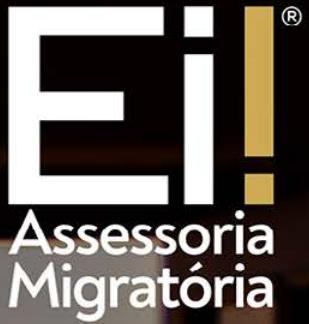
Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.

info@amostradeletras.pt

.M.
amostra de letras
COMUNICAÇÃO



WWW.EIMIGRANTE.PT

VIVA A SUA **REFORMA** EM PORTUGAL



+351 217 960 436



GERAL@EIMIGRANTE.PT



@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO